



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

ANA CLAUDIA DE ANDRADE COSTA

**NARRANDO O QUE NINGUÉM VIU, SOBRE AQUILO QUE TODO MUNDO VÊ:
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS COMUNIDADES RURAIS DO OESTE
POTIGUAR.**

MOSSORÓ

2018

ANA CLAUDIA DE ANDRADE COSTA

**NARRANDO O QUE NINGUÉM VIU, SOBRE AQUILO QUE TODO MUNDO VÊ:
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS COMUNIDADES RURAIS DO OESTE
POTIGUAR.**

Monografia apresentada á Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciência Humanas e Sociais.

Orientadora: Kyara Maria de Almeida Vieira,
Profa. Dra.

MOSSORÓ

2018

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

A532 Andrade Costa, Ana Claudia.

n Narrando o que ninguém viu, Sobre aquilo que
 todo mundo vê: Memórias e Histórias das Comunidades
 Rurais do Oeste Potiguar / Ana Claudia Andrade
 Costa. - 2018.

54 f.: il.

Orientador: Kyara Maria de Almeida Vieira.
Monografia (graduação) - Universidade Federal

Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,
2018.

1. Comunidades Rurais. 2. Memória. 3.
Identidade Oeste Potiguar. . 4. Oeste Potiguar.

I. Almeida Vieira, Kyara Maria, orient. II.
Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

ANA CLAUDIA DE ANDRADE COSTA

**NARRANDO O QUE NINGUÉM VIU, SOBRE AQUILO QUE TODO MUNDO VÊ:
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS COMUNIDADES RURAIS DO OESTE
POTIGUAR.**

Monografia apresentada á Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Ciência Humanas e Sociais.

Orientadora: Kyara Maria de Almeida Vieira,
Profa. Dra.

Defendida em: ____ / ____ / 2 ____.

BANCA EXAMINADORA

Kyara Maria de Almeida Vieira, Profa. Dra. (UFERSA)
Presidente

Janaiky Pereira de Almeida, Profa. Dra. (UFERSA)
Membro Examinador

Gerciane Maria da Costa Oliveira, Profa. Dra. (UFERSA)
Membro Examinador

Dedico esse trabalho aos colaboradores e colaboradoras da pesquisa: Dona Ana, Dona Rita, Seu Golinha e Seu Edilson, por terem narrado com afetos partes de suas vidas e nos possibilitado construir um trabalho com retalhos de histórias bordados no sertão Potiguar.

Como também a Mãinha e a Painho, por me inspirarem a ser alguém melhor todos os segundos da minha existência.

AGRADECIMENTOS

Nessa madrugada fria, ouvindo Maria Bethânia, buscando inspiração para escrever uma das partes mais importantes desse estudo, de repente vem um sereno, sobe o cheiro de terra molhada, e me vem à imagem de Mãinha, sentada na sua cadeira de balanço as 5:30 da manhã, com seu terço na mão rezando e agradecendo a noite que passou, pedindo bênçãos para o dia que se inicia; e Painho sentado na ponta da mesa, tomando seu café matinal e no rádio, tocando baixinho o repente que é a trilha sonora da vida da gente. Do meu quarto, eu observava essa cena ao romper da aurora. O cheiro do café me acordava, mas ficava esperando ela (Mãinha) ir me chamar, com sua mão suave percorrendo meus cabelos, Painho preocupado, me apressando para eu não perder o ônibus da escola.

Mas, o que tem haver essas reminiscências com um trabalho acadêmico? Acreditamos que podemos introduzir afetos nesse espaço que às vezes se faz tão gelado, tão frio e cruel. Essas lembranças não nos fazem esquecer quem éramos, o que somos e no que queremos nos tornar. E também para agradecê-los pelo apoio, pelo amor, pelo cuidado, pela compreensão da ausência, por se contentarem em apenas ouvir a voz, quando de fato queriam mesmo era um abraço apertado, apoio esse que nos fizeram mais fortes. A ela e a ele nosso muito obrigada, foi, é, e sempre será para eles toda conquista.

De repente fazendo uma retrospectiva de tudo que acontecera do ano de 2013 até agora, 14/03/2018, nós vemos pensando naquela menina que chegou a UFERSA, insegura, cheia de sonhos e medos, olhando para ela e tudo que ela enfrentou, da vontade de abraça-la, e dizer que no fim daria tudo certo, quantas noites mal dormidas, quantas lágrimas derramada, quantos sorrisos, quanta saudade ela viveu. Mas, no fim, o que permanece são as relações construídas, alguns laços se desfizeram, outros se fortaleceram, e isso tudo faz parte do cotidiano.

Não poderíamos chegar aqui e não agradecer primeiramente ao Deus que acredito e que se faz tão presente em minha vida e a algumas pessoas que foram fundamentais para esse processo de formação Aos irmãos/ãs por “segurarem as pontas” em casa e sempre oferecerem um ombro para chorar e compartilhar todos os sentimentos vivenciados; aos sobrinhos/as, Fernanda, Karol, Jeremias, Malú que acabou de chegar e a Manuela que está chegando, em um dos momentos mais lindos e esperados, eles/as nos fazem acreditar que existe amor e que é recíproco.

Aos poucos amigos que compreenderam a ausência, choraram junto às dores e sorriram com as conquistas; ao meu amigo Francisco que se tornou irmão, que segurou na

minha mão e caminhou junto em todos os momentos. Ao meu querido Rodolfo por ter aguentado os estresses e compartilhado cada sonho e vibrado com cada conquista. A Márcio e Aila por ter nos acolhido em seu lar e tê-lo o tornado também nosso lar; sem vocês certamente a caminhada teria sido muito mais difícil, á Veronica pelas orientações e auxílio quando no início era tudo ainda muito novo, e com toda paciência nos encorajava a seguir em frente. Ao Professor Erimar por ter se disponibilizado em fazer os mapas dos Assentamentos. Ao meu cunhado Ronaldo pelo apoio e incentivo por sonhar comigo e acreditar no meu potencial. A Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo por ter nos ensinado a olhar o outro de outra forma, e a todos os professores e professoras que contribuíram com o nosso processo de formação. Aos alunos/as dos outros períodos, pela força pelas palavras de consolo, pelos cafés compartilhados, feitos por Lú com todo carinho e cuidado. A Universidade Federal Rural do Semi-Árido por ter me recebido e se tornado minha segunda casa e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) por ter financiado a pesquisa a qual originou esse trabalho.

Queríamos ainda agradecer à banca: a professora Janaiky, tão doce e tão responsável com seus/suas estudantes buscando fazer sempre o melhor para os mesmos; a professora Gerciane, por ter despertado logo de início esse amor pela pesquisa e pelo ato de escrever. Por terem se disponibilizado em ler o nosso trabalho em tão pouco tempo e compartilhar um momento tão singular em nossas vidas, mesmo na urgência de seguir nossa vida acadêmica. Aos nossos/as colaboradores/as, pois sem eles/as nada teria sido possível; os relatos ouvidos contribuíram para que nos tornássemos pessoas melhores nos fazendo acreditar na luta e nas pessoas.

Por fim, gostaria de agradecer a uma mulher (Kyara) a qual passei a admirar e ter como referência, ela que é ventania, mas que também consegue ser brisa; ela que é forte e amável, sutil, justa, valente e doce; ela é muitas em uma só. Fez-me ver que a pesquisa pode ser feita com afeto e que as relações que construímos dizem muito sobre nós. Depois que a conheci me fiz e me refiz diversas vezes, quebrei rótulos, sai de caixinhas e passei a ver o mundo com outros olhos. Ela nos motiva, instiga e nos cobra nos faz ver que somos capazes, basta querer e correr atrás. Uma paraibana, que se territorializou no sertão potiguar, na Educação do Campo e fez do campo, lugar de seus/suas estudantes que tanto ama, também, o seu lugar. Veio de outras terras (a terra do amor) nos ensinar sobre gentileza e educação. Tem dias que é furacão tem dias que é sutileza, a típica geminiana. O zelo com que trata sua profissão diz muito de quem ela é, e ela é essa intensidade com qual a vemos nos corredores e em sala de aula: você me ensina todos os dias a ser uma mulher melhor e a buscar ser uma

profissional qualificada. Ratifico o privilégio de ser sua aluna e se me tornar um terço da profissional que és, estarei realizada. Agradeço pela forma carinhosa com que me trata, por sempre ter exigido de mim mais do que eu julgava ser capaz. Obrigada por ter se tornado minha orientadora, compartilhando dúvidas, anseios e alegrias, mais acima de tudo, por ter se tornado uma grande amiga. De você já guardo lindas memórias as quais espero que se multipliquem com o tempo, pois tens se tornado muito especial e essencial em minha vida.

Sigo no firme passo de um dia ser aquilo que talvez ao conquistar já nem queira mais. Vejo que todos os passos que dei até aqui só me fizeram pensar se realmente era o que desejava ter, mas tive. E agora? Não posso mais voltar, não tenho tempo, (nem quero) e tão pouco as mesmas certezas, apenas essa vontade real de não parar por aqui e com essa descompassada vontade que me arranha a alma feito à unha de Deus, garimpando ainda mais sonhos dentro de mim. Disso não abro mão.

(Welliton Neto)

RESUMO

Este trabalho é fruto de recortes de histórias bordadas no sertão potiguar, que objetivou investigar as identidades constituídas no meio rural, trazendo narrativas de sujeitos pertencentes as seguintes localidades: Projetos de Assentamentos: São Manoel e Tabuleiro Grande (Apodi-RN), P.A Nova Esperança (Mossoró-RN), P.A Mauricio de Oliveira (Açu-RN). O objetivo principal da pesquisa foi investigar os agentes históricos da produção da memória em comunidades rurais do semiárido potiguar e como estão se constituindo as identidades das pessoas do campo além de analisar as narrativas das pessoas mais velhas acerca da construção de algumas comunidades rurais Oeste Potiguar. Para a coleta de dados, usamos como metodologia revisão bibliográfica, no qual dialogamos com alguns autores, a exemplo de: Albuquerque Jr (2008), Hall (2005), Vieira (2006), Larrosa (2002), Foucault (1978/1992), dentre outros. Além de pesquisa de campo, tendo como instrumento entrevistas semiestruturadas. O resultado das análises dos dados apontam o Oeste Potiguar enquanto um espaço composto por vidas em transformação e com muitas histórias ainda não ouvidas nem contadas. Observamos também as práticas culturais que nossos/as colaboradores/as construíram para possibilitar a circulação de seus saberes que são de suma importância para a composição de suas identidades, o (re) conhecimento e vivência dos seus lugares. Percebemos também que a conquista da terra se deu com o auxílio dos Movimentos Sociais, direta ou indiretamente. E mesmo que, na maioria dos assentamentos pesquisados, os donos das terras tenham feito acordo com Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) sem maiores tensões, foi preciso persistência para compor o grupo de famílias que formariam os assentamentos, a resistência para a formalização da posse da terra, a luta para acessar as políticas que dão condições de permanecer na terra.

Palavras-chave: Comunidades Rurais. Memória. Identidade. Oeste Potiguar.

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1	–	Dona Ana.....	29
Imagem 2	–	Seu Golinha.....	35
Imagem 3	–	Dona Rita	40
Imagem 4	–	Seu Edilson	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Articulação do Semiárido Brasileiro
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COOPERVIDA	Cooperativa de Assessoria e Serviços Múltiplos ao Desenvolvimento Rural
CPT	Comissão Pastoral da Terra
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LEDOC	Licenciatura em Educação do Campo
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
P A	Projeto de Assentamento
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PROCAMPO	Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo
PRONAT	Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais
PRONERA	Programas de Educação da Reforma Agrária
PTC	Programa Territórios da Cidadania
SDT	Secretaria de Desenvolvimento Territorial
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. DO OUVIR AO ESCREVER: notas de transcrição	16
2.1 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: o caminhar da pesquisa	18
2.2 NARRANDO VIDAS, GRAFANDO HISTÓRIAS: colaboradores/as da pesquisa	21
3. COMUNIDADES RURAIS DO OESTE POTIGUAR: experiências de vida	28
3.1 Dona Ana e o quintal onde florescem sentimentos	29
3.2 A loucura ou lucidez? O guardião de sementes do sertão potiguar	35
3.3 A luz de Marghe (rita) nasce uma nova esperança	41
3.4 Da luta surgem líderes, na resistência se constrói afetos: narrativas de um camponês.....	46
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
5. REFERÊNCIAS	51
6. APÊNDICE	54

1. INTRODUÇÃO

A arte de falar sobre memória dar significância á vida das pessoas. Por isso observamos uma relevância primordial para com nossa pesquisa, para que possa trazer variáveis reflexões no âmbito social, comunitário e acadêmico. Para isso partimos do pensamento sobre a importância das memórias para a construção de narrativas históricas das pessoas inseridas em alguns assentamentos do Oeste Potiguar, visando ainda produzir conhecimentos acerca da historicidade e da trajetória das pessoas. Cartografamos os assentamentos¹ rurais do Rio Grande do Norte e delimitamos o campo de pesquisa no qual optamos por trabalhar com aquelas comunidades a que recebessem os/as estudantes da Educação do Campo, para que pudesse facilitar o caminhar da pesquisa, após aplicarmos um questionário com os/as mesmas/as cujo intuito foi fazer um levantamento se existiam nas comunidades dos/as estudantes pessoas idosas que contassem a história dos Assentamentos escolhemos trabalhar com os seguintes Projetos de Assentamentos: São Manoel e Tabuleiro Grande (Apodi-RN), P.A Nova Esperança (Mossoró-RN), P.A Mauricio de Oliveira (Açu-RN).

A pesquisa² foi desenvolvida no ano de 2017 vinculado ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (no campus UFRSA) através de projeto de iniciação científica (IC), aprovado pelo CNPq. Além de investigar como se dá o processo de construção dessas comunidades, é importante destacar que o intuito principal da pesquisa consistem em estudar a produção da memória e da história nas/das comunidades rurais do semiárido nordestino, pois como salienta Albuquerque Jr (1994): Um trabalho construído com retalhos de memória que se configuram como um sentimento individual e/ou coletivamente vivido, e que pode afetar as comunidades.

Pessoas que realizam tarefas magistrais de contar suas histórias e das comunidades as quais ajudaram a construir; histórias que nem sempre são ouvidas, nem sempre são consideradas, mas que tem uma importância significativa para suas localidades, tendo em vista que participaram de sua constituição.

Percebemos que a produção de história e memória é uma discussão que vem gerando muitas reflexões no campo da historiografia, sendo assim, destacamos a sua importância para a construção no nosso trabalho, tendo em vista que iremos trabalhar com as histórias de vida,

¹ O critério de escolha foram os assentamentos com mais de 10 anos de existência.

² Parte dos resultados da pesquisa se originou da análise feita para a apresentação do relatório final da bolsa de iniciação científica.

e os saberes dessas pessoas, abordando questões que foram aparecendo na análise das entrevistas.

Nos aventuramos, seguimos os rumos de uma pesquisa sabendo muito pouco sobre os lugares que iríamos percorrer, mas acreditamos que isso de não conhecer ou conhecer pouco esses lugares foi bom para nós, porque cada nova descoberta se fazia extraordinário, e esse extraordinário nos possibilitou escrever sobre histórias, e sobre vidas que se constituem em meio ao sertão potiguar, em que a palavra dita, como diz Maria Bethânia em uma de suas poesias: (a palavra) foi a interlocução para se narrar histórias, saudades e lembranças de tempos de outrora que constituíram seus territórios.

E foi essa palavra dita, ou cientificamente falando a história oral, que norteou a condução metodológica do estudo. As entrevistas semiestruturadas possibilitaram ouvir as narrativas, registradas em um gravador e foram ouvidas repetidas vezes para que ocorresse a transcrição e tematização, para assim transformar essas falas em texto, que consequentemente viriam a compor esse trabalho acadêmico que apresentamos os/as leitores/as.

Nosso trabalho encontra-se dividido em dois capítulos: O primeiro intitulado: DO OUVIR AO ESCREVER: notas da transcrição. Está primeira seção tem o objetivo de apresentar a pesquisa, de forma que se possa compreender os caminhos percorridos do trabalho.

O segundo capítulo intitula-se COMUNIDADES RURAIS DO OESTE POTIGUAR: experiências de vida. Narrar histórias de vida dos/das colaboradores/as, apresentando também às análises feitas a partir do discurso dos/das mesmos/as nos quais visamos entender a construção social e dos sentidos, realizada por esses/as sujeitos.

CAPÍTULO 1

2. DO OUVIR AO ESCREVER: notas de transcrição

A nossa pesquisa foi desenvolvida no sertão potiguar, “dentro do mato” cruzamos caminhos, fomos a lugares desconhecidos, em estrada de barro, aventuras das mais inesperadas por nós já vividas. Na volta, à tardinha, éramos presenteadas com um lindo pôr do sol; as nuvens no céu avermelhado mais pareciam algodão; o cheiro da caatinga molhada pelo sereno, a revoada das andorinhas procurando pouso para passar a noite, a playlist agradável da minha orientadora embalava nossas conversas, orientações acadêmicas e sobre a vida (era uma terapia) selavam à tarde que fora recheada de significados e sentimentos.

E foi assim em todo o percurso: voltávamos renovadas, com a certeza de que teríamos lembranças daquelas tardes e se, por algum evento, viermos a esquecer, será possível que os signos nos façam lembrar. Essa experiência para nós foi única, no entanto, não podemos dizer para leitores/as que apresentaremos verdades absolutas. Como afirma Albuquerque Jr. (1994, p. 45): “As memórias ainda possuem um nível imaginário em que operam a invenção, o desejo, a fantasia”. O que faremos aqui é dar significados através dessas linhas grafadas às histórias narradas por nossos/as colaboradores/as.

O objetivo desse capítulo é apresentar a pesquisa, de forma que o/a leitor/a possa compreender os caminhos, mostrando primeiramente o aporte teórico utilizado na escrita do trabalho fazendo uma breve introdução sobre a história de vida e os lugares de pertença dos/as colaboradores/as da pesquisa.

Essa pesquisa foi desenvolvida através da história oral, que como cita Vieira (2016), o método de história oral tem trazido grandes possibilidades para a investigação das experiências dos sujeitos históricos usando a memória na (re) significação das narrativas sobre si e sobre o mundo.

A fim de dar conotação às memórias das pessoas campesinas, este tópico tem o propósito de parafrasear o campo e os sujeitos que vivem nesse ambiente através da vivência da pesquisadora no estudo de campo. Nesse sentido compreendemos que as memórias são espaços que nos territorializam, e como afirma Albuquerque Jr. (2008) essas memórias apresentam uma conexão entre passado e presente, essas experiências vão sendo bordadas a partir das narrativas dos sujeitos.

Por isso a necessidade desse tópico, para buscar narrar os sentimentos de “si e dos outros”, construindo uma história que tenta ser capaz de tocar quem ler. É importante salientar que optamos por gravar todas as entrevistas em áudios, e fazer registros em um caderno de campo. Em todas as entrevistas antes de começar, buscávamos explicar o porquê do uso do gravador, esclarecendo que não seria possível fazer o registro das falas somente no caderno de campo. No primeiro momento era perceptível o desconforto, mas, no decorrer do diálogo o desconforto foi sendo superado. Cada narrativa foi um aprendizado, um saber compartilhado, e um desafio: como colocar no papel tanta informação, tanto conhecimento, como dar conotação ao outro através da escrita?

Com a História Oral temática, a entrevista tem caráter temático e é realizada com um grupo de pessoas, sobre um assunto específico. Essa entrevista – que tem característica de depoimento – não abrange necessariamente a totalidade da existência do informante. Dessa maneira, os depoimentos podem ser mais numerosos, resultando em maiores quantidades de informações, o que permite uma comparação entre eles, apontando divergências, convergências e evidências de uma memória coletiva, por exemplo (FREITAS, 2001, p. 5).

Após realizar as entrevistas começamos as transcrições³ das mesmas. Essa tarefa foi a mais dolorosa da pesquisa, porém fundamental. Esse processo levou horas, e dias, mesmo sendo em muitos momentos (quase todos) fatigante, provocando um intenso cansaço mais mental do que físico; nos fez em vários momentos retornar aos nossos encontros, buscando também em nossas memórias, situações para o que fora dito; o som da voz nos reportava ao gesto das mãos, aos sorrisos, a feição na hora de lembrar, ou de contar. Podemos dizer que esse método de pesquisa nos faz passar pelo trajeto de se imaginar vivendo a experiência do outro.

A transcrição é um momento ímpar, em que as emoções são retomadas, escutar alguns trechos com calma nos possibilita analisar detalhadamente o que foi dito; as inúmeras e cansativas pausas nos fazem compreender o que no momento da entrevista não foi possível perceber.

Após esse processo também iniciamos as análises das entrevistas, as tematizações, as sínteses do que poderia ter em comum as vozes dos/as nossos/as colaboradores/as, nos possibilitando pensar em como seria a estruturação da escrita no nosso trabalho. Podemos dizer que somos pesquisadoras em construção. Nosso papel ao redigir estas linhas é contar histórias narradas por pessoas que moram em lugares como os nossos, que compartilham das

³ Os recortes das entrevistas são colocados no trabalho tal qual foram ditas pelos/as colaboradores/as em respeito a suas formas de falar. Encontra-se destacado em *itálico* ao longo do texto.

mesmas fragilidades e encantos, histórias essas que embora pareçam com a minha e a dos meus familiares, não me pertencem, mas que lhes apresento como uma experiência e aqui falamos em experiência com o sentido que destaca Larrosa (2002, p. 26):

O sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.

Essa passionalidade a qual o autor se refere, não quer dizer que o sujeito seja incapaz, desprovido de conhecimento, ou seja, aquele que só recebe. Ele também é dono de suas próprias ações, como aponta Larrosa (2002, p. 26): “O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis”.

Nossa proximidade com esses sujeitos e com o objeto estudado vai de encontro ao ser/estar no campo e partilhar de experiências, semelhantes por narrarem sobre um local no qual nos encontramos. Também nos aproximamos por nos tornar narradoras dessas histórias, assim como eles/elas que relatam para nós suas trajetórias, nos tornando assim pesquisadoras-narradoras, lapidando e dando forma a um trabalho construindo a partir de experiências de homens e mulheres do Oeste Potiguar as quais apresentaremos no capítulo seguinte.

2.1 MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: o caminhar da pesquisa

Entendemos que os saberes dos homens e das mulheres do campo são múltiplos, construídos ao pisar no chão, ao ouvir os ensinamentos dos familiares, ouvirem o cantar do galo, que anuncia o romper da aurora. São experiências que fazem suas memórias coletivas e individuais, são saberes que foram constituídos no cotidiano da luta em busca de tempos melhores.

Para Albuquerque Jr. (1994), a produção das memórias pode surgir das lembranças voluntárias, quando o sujeito faz um esforço para lembrar quando questionado; ou involuntária, quando é provocado por algum estímulo como um cheiro, uma música, ou alguma circunstância. São essas lembranças que buscamos catalogar ao longo da pesquisa.

Esse estudo nos coloca em contato com novos lugares, novas pessoas e histórias, nos convidando a conhecer um pouco mais do outro ao mesmo tempo em que descobrimos um pouco mais de nós e nos (re) construímos a cada narrativa comungando das experiências e conquistas do povo campestre. Falar dessas pessoas é falar da resistência e da luta para sair da invisibilidade, reivindicando seus direitos.

O presente estudo se configura como sendo uma análise qualitativa que, de forma expressiva aborda as histórias, memórias e narrativas de algumas pessoas inseridas no semiárido potiguar. Para tanto usar esse método para a investigação auxiliará na percepção das narrativas acerca do tema que se pretende investigar a partir das histórias de vida narradas, pelas pessoas mais velhas as quais denominamos de “guardiões e guardiãs” de memórias, por serem eles/as que estiveram desde o início da construção de suas comunidades rurais. Como cita Albuquerque Júnior (2007, p. 204): a memória coletiva é “[...] um campo discursivo e de força em que essas memórias individuais se configuram”.

Essas memórias foram fundamentais para buscarmos compreender o já vivenciado através da história oral conhecer histórias ainda não ditas. Como afirma Neves (1998, p. 218) em seus escritos:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação.

O recurso da oralidade possibilita dar visibilidade aos sujeitos; o/a pesquisador/a se coloca no lugar de ouvinte para poder reescrever e reconstruir a partir das percepções do hoje, diferentes histórias para que sejam conhecidas por outras pessoas. A memória torna-se uma forma de materialização do passado, de certa forma contribui para que homens e mulheres se estabeleçam ou se formulem partindo de suas práticas na constituição de suas subjetividades.

As narrativas dão vida aos seres referidos nas histórias contadas por nossos/as colaboradores/as; pelo exercício da memória trazem em seus discursos sentimentos, ora de luta ora de saudade, ora de ressentimento, ora de carinho, ora de coragem. Desta forma, essas histórias não se tornam esquecidas ou apenas passam por nós, de formas insignificantes, mas podem se estabelecer identificação com a nossa trajetória de vida. E para nós enquanto pesquisadoras, as experiências narradas comungam com a minha história de mulher, negra, do campo, filha de agricultores. Essas experiências nos moldam, nos (re) significam, como nos fala Larrosa (2002, p. 21):

[...] poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quelloche nos succede” ou “quelloche nos accade”; em inglês, “thatwhatis happening tous”; em alemão, “wasmir passiert”. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.

Todos os dias ocorre algo novo, se passa algo novo, o que estamos falando é de transformação, de experiências cotidianas que vão se tornando histórias ao longo do tempo e essas histórias não são um acúmulo de informação. Como mostra o referido autor, as informações não são experiências.

Os relatos que catalogamos através do método de história oral, expressam narrativas significativas da trajetória vivida por eles/as e ouvidas por nós. Como traz Gruzinsk (2007), é importante que nesse processo o pesquisador/a se coloque na condição de ouvinte e acima de tudo, permita-se ser tocado pela fala do outro. Nesse sentido a oralidade nos permitiu conhecer nossos/as colaboradores/as suas, vivências, os sentimentos, e seus percursos.

Pretendemos mostrar a multiplicidade dos caminhos percorridos pelos agricultores e agricultoras do semiárido potiguar, almejamos através das palavras dar significância e sentido as histórias desses sujeitos. Como diz Larrosa (2002, p. 21):

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra.

Por isso consideramos as palavras e quem as versa de suma importância para compreendermos o nosso estudo, pois como bem diz o autor acima citado, “[...] não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório” (LARROSA; 2002, p. 21). Dessa forma podemos dizer que é através das palavras que descrevemos quem somos o que vivemos o que sentimos, ou o que julgamos sentir.

Para a história oral, a memória é uma forma de evidência histórica e, portanto, deve ser analisada como tal. Considerando a memória como um conceito em que as pessoas constroem um sentido do passado, o qual se relaciona com o presente e na ação de recordar, a reflexão passa a ocupar um lugar fundamental para a ressignificação do passado que se recorda (COSENTINO, 2013, p. 29).

Esse formato de análise faz uma discussão acerca das histórias descritas e transcritas nesse trabalho. Nesse sentido a tradução da memória transforma-se em histórias ao serem narradas a partir da linguagem produzindo representações sobre as experiências narradas. Segundo Pesavento (1995, p.15):

[...] a representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um ‘outro’ ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente. Este processo, portanto, envolve a relação que se estabelece entre significantes (imagens, palavras) com os seus significados, representações, significações (Castoriadis), processo este que envolve uma dimensão simbólica

Podemos dizer também que a representação é o fruto do resultado de práticas e ações de (re) conhecimento que constituem um campo que os agentes sociais articulam seus interesses e incidem seus conhecimentos culturais. Como aponta Vieira (2006, p. 45), “[...] a representação pode ser definida como uma categoria que promove as relações com os fatos atuando simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações”.

Salientamos que é através da linguagem que podemos representar os sujeitos do campo atribuindo sentido ou significância às suas histórias. Essa representação a qual estamos nos referindo produz significados que são atribuídos pelos colaboradores/as da pesquisa a seus lugares de pertença. É através das palavras que podemos representar o que está no campo das subjetividades, dos sentidos e do sentir.

Desta forma se pretende ampliar as percepções de que se tem de campo, dos elementos rurais, e das experiências vividas por esses povos há muito sem direito a sua própria história. Afinal, como afirma Ricoeur (1994, p. 15): “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compreensão, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”.

Não procuramos escrever sobre algo sem vida, ao contrário, escrevemos sobre vidas que pulsam, que não se limitam aos silêncios, às marginalizações às vezes para elas direcionadas. Como afirma Gruzinsky (2007, p. 7), “O estudo das subjetividades ou dos sentimentos ainda é novo, porém fundamental, pois não se pode escrever sobre o outro se não sentir o outro”.

Nesse caminho em busca das memórias para poder gestar história, foi necessário ser sensível a essas narrativas e perceber no discurso do outro os sentimentos, os rastros de sua trajetória, que para Gruzinsky (2007, p. 7) “[...] quem gesta a história escava destinos e exuma afetos, mas sempre para reinseri-los em um conjunto de significados mais vastos”.

Assim sendo buscamos através das narrativas, conhecer as histórias e o fazer do ser/estar camponês/a (re) construído através da memória de suas trajetórias, para analisar a partir do vivido, a construção de suas identidades a constituição de suas comunidades.

2.2 NARRANDO VIDAS, GRAFANDO HISTÓRIAS: colaboradores/as da pesquisa

Nesta seção buscamos fazer uma introdução (que será esmiuçada no capítulo seguinte) sobre os colaboradores da pesquisa, procurando mostrar seus espaços de vivência, e suas histórias, objetivando conhecer suas trajetórias (re) construídas através das suas narrativas. É importante destacar que esses relatos são de suma importância para o conhecimento histórico

cultural das comunidades e que historicamente os sujeitos do campo, assim como distintos povos nunca tiveram direito a contar suas histórias. Buscamos ainda analisar a partir da prática, a construção identitária das pessoas que residem nos Assentamentos do Oeste Potiguar. Como diz Guimarães Neto (2005) são essas práticas que dão significado a essas vidas ou a essas histórias.

De acordo com Vieira (2016) “[...] as emoções com toda a sua multiplicidade são complexas de expor verbalmente e representá-las para alguém que até então é estranho não é tarefa simples”. Buscamos primeiramente nos aproximar dos lugares onde as pessoas que possivelmente seriam nossos/as colaboradores/as moram. Por isso a importância desse contato e a aproximação com o referencial teórico para que não os/as víssemos apenas como objeto a ser usado para nossas análises.

Concomitante às leituras demos o passo inicial para a pesquisa de campo: cartografamos os assentamentos rurais do semiárido nordestino, no Oeste do Rio Grande do Norte, a partir do site do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)⁴. Com esses dados em mãos observamos que existem no Rio grande do Norte cerca de 230 assentamentos registrados, criados entre os anos de 1975 e 2005. Estabelecemos uma ordem cronológica para nosso estudo considerando os assentamentos com o mínimo de 10 anos de existência.

Tendo feito esse levantamento, elaboramos um questionário para ser aplicado com estudantes do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEDOC-UFERSA-Mossoró-RN), nas turmas do 1º ao 7º período, o que foi de fundamental importância no processo de construção da pesquisa, pois foi através dos/as estudantes do curso que delimitamos o nosso universo de estudo, levando em consideração as comunidades rurais circunvizinhas à cidade de Mossoró-RN o que facilitaria o caminhar da pesquisa, tendo em vista também o tempo para desenvolver o estudo de campo.

Tendo feito e aplicado o questionário, o passo seguinte foi mapear essas localidades para identificar quais ficavam mais próximos da cidade de Mossoró-RN, por ser esta a cidade polo da mesorregião do Oeste Potiguar, atraindo várias pessoas de vários municípios vizinhos. Além disso, Mossoró que se localiza o curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, ao qual nossa pesquisa está vinculada.

⁴O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, (INCRA), é uma autarquia federal cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional. Criado pelo Decreto nº 1.110, de 9 de julho de 1970, atualmente o Incra está implantado em todo o território nacional por meio de 30 superintendências regionais. Disponível em: http://www.incra.gov.br/institucional_abertura, acessado em 22/12/2017.

Diante desses critérios, foram selecionadas 5 (cinco) comunidades rurais as quais realizamos as entrevistas com as pessoas que chamamos de “guardiões/ãs de memórias”, por serem anciãos/ãs das comunidades rurais do Oeste Potiguar e estarem nos mesmos desde o surgimento até os dias atuais.

A primeira entrevista foi realizada no Projeto de Assentamento São Manoel (P.A), mais conhecido como Poço de Tilon⁵ o município de Apodi-RN, com a pessoa de Seu Edilson⁶. Tivemos uma longa e agradável conversa. O lugar de seu Edilson também é o meu. Sempre fui encantada pelo meu pedacinho de chão, onde minha família fez morada. Porém após a entrevista passei a velo com outro olhar; aquela conversa despertou-me novos sentimentos por aquele espaço.

O lugar o qual Seu Edilson se refere com tanto afeto foi constituído na década de 1990, quando os movimentos sociais começaram a atuar na região com muita luta e resistência os moradores ocuparam a terra e permaneceram nela até sua legalização. O P.A São Manoel fica próximo a BR 405, a 13 quilômetros da cidade de Apodi. Segundo Seu Edilson, a luta pela terra se deu de forma pacífica, posto que o dono não se opôs em vender a propriedade:

Eles não têm condições de manter essa propriedade, que era uma propriedade de 946 quitaria, aí o sindicato comunicou-se⁷ com o INCRA e o INCRA veio e começou aquele processo todo. Aí veio uma equipe fazer uma vistoria, fez aquele laudo técnico de avaliação. (EDILSON, 2017)

Seu Edilson foi uma das pessoas fundamentais no processo de fundação do P.A São Manoel desenvolvendo tarefas, participando de reuniões em busca de melhorias para sua comunidade, estando 5 (cinco) vezes na presidência da associação comunitária do assentamento:

[...] O primeiro presidente aqui foi de 98 a 2000 foi Francisco Anacreto; de 2000 pra 2002 foi Genildo Praxedes que era o tesoureiro do outro; de 2000 pra 2004 foi eu; de 2004 pra 2006 foi Antônio Francisco; de 2006 pra 2008 foi eu; de 2008 pra 2010 foi eu; de 2010 pra 2012 foi eu (EDILSON, 2017.)

Mesmo sendo uma referência para comunidade e que mesmo não estando como presidente, ajuda a atual gestão da associação de agricultores/as do assentamento no que pode,

⁵Poço Tilon é uma comunidade rural localizada no município de Apodi-RN, às margens da BR 405. Um sítio pequeno, em que 40% de sua população é emigrante, vindos do Estado da Paraíba no ano de 1974; até esses anos o Poço Tilon tinha poucos habitantes. Hoje sua principal fonte de economia deriva-se da agricultura e da extração de pedra. Segundo um dos moradores mais antigos do lugar, Seu Edilson, a comunidade surgiu porque o acesso a água vinha de um poço de uma fazenda cujo proprietário chamava-se Seu Tilon. O mesmo deixava a população abastecer suas casas com a água do poço, a partir daí todos começaram a chamar o local de Poço de Tilon.

⁶ Entrevista realizada em 18/03/2017.

participando dos fóruns e de reuniões em outros estados. O mesmo ainda se mostrou preocupado pela falta de interesse dos/as demais moradores/as para com a comunidade.

A partir da fala do mesmo podemos levantar uma problemática pertinente que é a ausência de mulheres ocupando cargos, a desigualdade entre os gêneros quando se trata do exercício de funções de mando, de gerência, de liderança.

A segunda entrevista foi realizada no P.A Nova Esperança (município de Mossoró-RN), que fica localizado próximo a BR 110, que dá acesso à cidade de Baraúnas-RN, com Dona Rita⁸, uma das lideranças mais antigas da comunidade. Nos recebeu em sua casa com um sorriso cativante, daqueles que enchem os olhos de alegria, e um banquete daqueles que enche a boca de água. Foi uma linda manhã de sábado, o sol estava estupidamente quente, debaixo da mangueira estava a filha dela, deitada em uma rede embalada ao som de uma rádio local. No terreiro estava às crianças, netos de Dona Rita, brincado e soltando risadas, e lá no alpendre sentada, estava ela olhando para o horizonte. Aquela cena me recordou meu lugar, a casa de taipa de vovó, meus primos correndo no quintal e ela delicada alisando os meus cachos, aquela reminiscência me deu uma saudade...

Segundo Albuquerque Jr, (1994, p. 40) “[...] a memória involuntária que chamamos de reminiscência é um nível em que a “memória individual” é violentada por “chocs” provenientes de signos sensíveis”. Acredito que essa memória involuntária tenha despertado em mim um afeto singular por ela, pela história que se cruza com a minha, com a de minha avó, a de minha mãe, e de outras tantas mulheres.

Dona Rita nos serviu um café delicioso, nos contou a sua história, sua trajetória de vida, desde sua antiga casa na cidade de Mossoró-RN até a chegada no P.A Nova Esperança. Ela narra com afetos a árdua luta até a conquista da terra e da construção das casas.

Ela conta que a luta pela terra começou com o sonho de poder dar uma casa para sua filha:

Muler, é o seguinte: quando surgiu que ia ocupar essa terra, [...] fiquei balanciada pa vim, pá num vim. Aí quando foi um dia eu chegou uma amiga minha e disse: Rita, mulher vamos! Cê vai? Eu digo: muler eu num sei se eu vou não. Achava tão difícil, porque eu não tinha transporte para vim de Mossoró prá cá, né? Aí quando foi [...] eu digo: mulher, eu vou, testar, um dia vou testar, se der certo, eu fico. Aí quando foi com três dias, eu disse para ela que ia, nós viemos a pé, lá do Belo Horizonte⁹. (RITA, 2017).

⁸ Entrevista realizada em 20/05/2017

⁹ Belo Horizonte é um dos 31 bairros localizado na cidade de Mossoró, no estado de Rio Grande do Norte. Neste bairro existem 25 ruas. Disponível em: <https://appplocal.com.br/bairro/belo-horizonte/mossoro/rn>, Acesso em: 26/01/2018.

Dona Rita se identificou com a luta de muitas pessoas, vestiu a camisa e brigou valente por um pedaço de chão. Chegou ao local do acampamento no ano de 2004 trazendo na bagagem um sonho, e em 2008, depois de muita resistência, surgiu a luz de uma Nova Esperança: tomaram posse das casas. Dona Rita não quis voltar mais para Mossoró, conquistou a terra, a casa, amizades e um novo lar. Hoje é agregada¹⁰ no assentamento e diz que nasceu em Mossoró, mas não se considera mais de lá.

A terceira entrevista no P.A Maurício de Oliveira localizado no município da cidade de Açu-RN, na casa de Dona Ana¹¹. Em uma tarde de quinta-feira, a encontramos em seu quintal, um lugar mágico, onde parece que a hora não passa. Fomos bem recebidas em sua casa, sentamos embaixo de uma mangueira para começarmos a entrevista.

Dona Ana começou a nos contar sua trajetória de vida. A mesma fala que ainda criança, começou a trabalhar na agricultura com o seu pai. Depois de casada, seguiu na agricultura junto com marido (seu grande amor). Sem terra para plantar, ela diz que era obrigada a plantar de meia e de terça, que (é quando você planta em terras alheias, e o que colher será dividido entre quem plantou e o dono da terra). Ela salienta que era muito trabalho para pouca renda. Dona Ana diz que sempre teve o sonho de ter uma terra pra chamar de sua, por isso entrou na luta e foi aí que ela conheceu o acampamento.

Dona Ana, teve uma difícil caminhada até conseguir sua terra. Viu seu sonho mais uma vez sendo ameaçado, até que encontrou uma amiga e lhe falou de outro acampamento próximo, e a convidou para participar. Dona Ana, não pensou duas vezes:

Só sei que minha vizinha fez o convite, e eu fui. Eles acamparo num dia de manhã e eu fui no outro dia. Passei a tarde lá esperando pela decisão do líder, do cabeça lá. Aí, só sei que eu só recebi a resposta lá pras quatro horas. Ele chegou, eu disse: aí home, tem como eu ficar aqui mais vocês? Faz tempo que eu tô nessa luta pelo um pedacinho de terra. Aí ele disse. Tem. Aí eu disse: então está ótimo. Amanhã eu venho. Eu vinha todos os dias, não só eu, mas uma faixa de umas 10 mulheres (ANA, 2017).

Ela relata os percalços que enfrentou na vinda diária para o acampamento nesse percurso sofreu assédio de terceiros, o machismo do marido, o preconceito das pessoas. Mas nada a fez desistir e ela continuou firme, resistindo, lutando contra tudo e todos, até a posse da terra em 2006 e a construção das casas em 2008:

[...] Minha casa tem o dedo das 70 famia, cê acredita? Nada aqui [foi só eu] até no meu quintal, tem o dedo de todo mundo. De qualquer trabalho nunca foi eu sozinha, então eu tenho essa benção pra contar. Porque é qualquer coisa, esse vivero veio e

¹⁰ É importante, destacar que o termo agregada que quer dizer, aquele/a que tem vínculo com algum assentado e constrói uma casa nas terras de um assentamento.

¹¹ Entrevista realizada em 25/05/2017

não é só pra mim. Foi pra nós trabaiaí, então tem o dedinho de cada um. (ANA, 2017).

A conversa com Dona Ana foi longa e agradável. Percebemos a sua solidariedade com os demais moradores do assentamento, a sua paixão pelo seu quintal, que é seu maior meio de sobrevivência. Nessa empreitada Dona Ana se tornou guardiã de sementes¹², tanto crioulas como nativas. Ela trabalha com a perspectiva agroecológica, não utilizando insumos químicos ou agrotóxicos em suas plantações.

A nossa quarta entrevista foi no P.A Tabuleiro Grande, município de Apodi-RN, com a pessoa de Seu Golinha¹³. Foi uma tarde bem agradável como as outras, Seu Golinha é um amante da natureza, desde pequeno acompanhava seu pai na lida da roça, abriu mão dos estudos para ir plantar e ficar em contato com a natureza; Seu Golinha nasceu no Sítio do Góes comunidade vizinha ao seu Assentamento, pelo qual ele demonstra afeto, e saudade dos tempos de outrora:

Sítio do Góis continua um lugar abençoado, aonde escapou muita gente e muitos rebanhos de gado, segundo os mais vei me passaram esse resultado. (GOLINHA, 2017).

No ano de 2000 eles ocuparam a terra e em 2004, se mudaram para o assentamento junto com mais 70 famílias. De início as pessoas que ocuparam a terra, foram embora e os moradores do Sítio do Góes começaram a ocupar seus lugares. Ele conta que a desapropriação se deu de forma pacífica, com o apoio de algumas entidades como a COPERVIDA¹⁴, MST¹⁵, CPT¹⁶.

¹²As sementes livres de agrotóxico existem há milhares de anos, mantidas por muitas guardiãs e muitos guardiões, ou seja, agricultoras e agricultores que por gerações plantam, armazenam e trocam suas sementes. Sua continuada existência no futuro está acompanhada pela criação e organização de bancos de sementes comunitários que mantém viva cada uma das sementes. Disponível em: <http://www.redesementeslivresbrasil.org/quem-somos>. Acessado em: 22/12/2017.

¹³ Entrevista realizada em 05/07/2017.

¹⁴A COOPERVIDA - Cooperativa de Assessoria e Serviços Múltiplos ao Desenvolvimento Rural é uma associação que desenvolve suas ações voltadas para o desenvolvimento rural, numa perspectiva agroecológica pautada na equidade de gênero e geração. O objetivo central e norteador da entidade é promover o desenvolvimento sustentável, a equidade de gênero e geração aportados na cultura local. Através desses nortes acredita-se que é possível construir um modelo de sociedade mais justo e solidário. Disponível em: <http://www.coopervidarn.org.br/missao.php> Acessado em: 22/12/2017.

¹⁵ O Movimento Sem Terra está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais. Mesmo depois de assentadas, estas famílias permanecem organizadas no MST, pois a conquista da terra é apenas o primeiro passo para a realização da Reforma Agrária. Disponível em: <http://www.mst.org.br/nossa-historia/> Acessado em: 22/12/2017.

¹⁶ A Comissão Pastoral da Terra (CPT) nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia (GO). Foi fundada em plena ditadura militar, como resposta à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, sobretudo na Amazônia, explorados em seu trabalho, submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam. Nasceu ligada à Igreja Católica. O vínculo com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ajudou a CPT a realizar o seu trabalho e a se manter no período em que a repressão atingia agentes de pastoral e lideranças populares. Logo, porém, adquiriu caráter ecumênico, tanto no

Atualmente no assentamento residem 60 famílias, incluindo os agregados. Seu Golinha diz gostar de onde mora, da tranquilidade, dos vizinhos, mas diferente de outros/as colaboradores/as ele sonha em voltar para sua comunidade de origem que é o Sítio do Góes.

Seu Golinha desenvolve um trabalho muito importante para o Oeste Potiguar com o manejo da caatinga. Essa prática fez com que o mesmo se tornasse conhecido no município e na região Nordeste, pois ele viaja vários outros estados para fazer palestra sobre a importância das sementes. Menciona ainda que apesar do preconceito de alguns para com o seu trabalho, sempre recebeu apoio de técnicos das entidades que o acompanhavam no assentamento:

Tinha um técnico que ele sempre me dizia, (Flaviano, Neurivan, José Edison). Você continue com seu trabalho, porque ele é muito importante, vai chegar um dia que vamos ser preciso replantar até as plantas nativas, e nós já estamos vendo viú? (GOLINHA, 2017)

Seu Golinha, também trabalha a partir da agroecologia, fazendo melhoramento das plantações dos quintais produtivos das mulheres. É poeta cordelista, e mesmo sem saber ler e escrever, está produzindo um livro sobre a história do Góes. Seu Golinha nos ensina tanto, nos mostra que é possível ser doce, valente, sutil, forte, generoso e amável. Ensina-nos a superar limites, um homem sertanejo, que desconstrói estereótipos, e nos reconstrói com sua fala, com sua vivência e com sua poesia.

Com essa breve apresentação de nossos/as colaboradores/as reafirmamos a importância de contar essas histórias que no capítulo seguinte iremos analisar de forma mais detalhada.

aprendendo a conviver com as especificidades do semiárido através do apoio dos movimentos sociais, pastorais e organizações não governamentais:

[...] através das experiências e práticas educativas e formativas de convivência com o SAB vividas pelas organizações não governamentais, pelas associações, pelos movimentos sociais e pelas pastorais, procuramos redescobrir o que estas já possuíram e que, de alguma forma, passava despercebido ou se encontrava no rio do esquecimento, distante de nossa capacidade de reconhecer, apreciar e explorar o que ainda poderemos redescobrir, descobrir e por que não dizer inventar (MATOS, 2011, p. 78).

Esse incentivo de (re) educar a população a conviver com o semiárido foi de suma importância para a sobrevivência dos sujeitos inseridos nessas localidades, principalmente os/as agricultores/as. Os moradores/as das comunidades rurais passaram a ver o semiárido com outro olhar, perceberam que é possível viver em meio à seca e que esse ambiente pode ser fértil.

Ao percorrermos o semiárido para desenvolver a pesquisa e ouvir os relatos dos/as nossos/as colaboradores/as comungamos com a ideia de Araújo, (2004) *apud* (VIEIRA, 2006,10-11), quando afirma que o discurso “[...] O discurso, este que para nós é uma das dimensões da linguagem, a efetivação do dizer e do dito, lugar de constituição do sujeito e das formas linguísticas com valor de força social, política, bem como do entendimento mútuo”. Observamos que o discurso de nossos/as colaboradores/as nos diz muito, nos fazendo perceber como se constituem seus lugares e suas identidades.

3.1 Dona Ana e o quintal onde florescem sentimentos



Dona Ana, P.A Maurício de Oliveira¹⁸

¹⁸ Fonte: Arquivo Pessoal da Professora Kyara Maria de Almeida Vieira.

A mulher de quem vos falo transcende qualquer sentimento. Nordestina, sertaneja, mulher de luta, Dona Ana nasceu em Assú no dia 19/05/1968, interior do Rio Grande do Norte. Sempre trabalhou na roça com o pai, e teve uma infância dura, porém regada de afeto pela terra. Terra que não a pertencia, posto que sua família plantava nas terras alheias. Na adolescência, trabalhou como diarista, até conhecer as empresas do agronegócio, estas bastante presentes na região do vale do Assu. Dona Ana se viu obrigada a trabalhar nesse ambiente tendo em vista que o semiárido Nordeste é um lugar de muitos encantos, mas, ainda apresenta dificuldades para a sobrevivência. Diante disso, é de suma importância entender que o semiárido é um campo de luta por terra, por parte das empresas do agronegócio e está cada vez mais sendo disputado. Como salienta Jesus e Fernandes (2015. p. 1).

No Brasil, a institucionalização do enfoque territorial se deu, de fato, no Governo Lula, com a criação, em 2003, da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT), ligada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)¹⁹. A SDT tem como objetivo superar a pobreza e o baixo dinamismo socioeconômico no meio rural sob a égide de uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável. Para operacionalizar essa estratégia, a SDT criou o Programa Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PRONAT), em 2003, e, o governo Lula, por meio da Casa Civil, criou o Programa Territórios da Cidadania (PTC), em 2008.

Segundo os autores é perceptível que o Rio Grande do Norte vinha se constituído enquanto um Estado que se beneficiou pelas políticas territoriais, sendo necessário verificar a veracidade dos resultados que são divulgados nos períodos posteriores de sua implantação. No entanto, apesar do semiárido nordestino ser considerado como um lugar de dificuldades, as pessoas estão conseguindo sobreviver e estabelecer relações afetivas. Um exemplo é Dona Ana que, nas empresas de fruticultura irrigada do melão, conheceu seu amor, Seu Damião.

Na empresa era proibido relacionamento entre funcionários, mas com Seu Damião iniciou uma nova vida. Engravidou, continuou nas empresas de agronegócio, mas teve que pedir demissão porque o veneno estava afetando sua vida e a gestação. Gerou uma filha e um filho, e adotou a filha que Seu Damião teve em outro relacionamento.

Dona Ana continuou a sonhar com sua terra, e viu esse sonho possível quando conheceu o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Foram dias e noites de luta, enfrentando o machismo e preconceito da sociedade. Era uma luta dupla: para conquistar a terra e a família. Após um ano nas barracas, viu o sonho se fragmentar: o acampamento seria desfeito já que não tinha perspectiva. Um golpe para Dona Ana:

¹⁹ O governo golpista de Michel Temer mudou o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) para Secretaria vinculada ao Palácio do Planalto, implementando vários cortes no orçamento, prejudicando a efetivação das políticas públicas voltadas para os/as trabalhadores/as rurais que residem no campo.

Assim, o pessoal já tava aqui, acampado perto da COMPASA, e eu não tinha ninguém acampado perto do AQUA VALE, então eu fiquei na luta pelo um pedacinho de terra com o povo do Piató²⁰. Todo dia eu ia pra o porto do Piató. Passei quase um ano lá, até que chegou uma pessoa e disse: Home, o INCRA²¹ não vai mais fornecer essas cestas básicas e não vai ter como fazer, ter esse assentamento, porque é tudo pescador. Aí eu disse: E agora? (ANA, 2017).

A determinação dela foi maior que os desafios em busca do seu sonho, ela então soube que tinha um grupo de pessoas acampadas próximo à cidade de Assú, em busca de um lugar para chamar de seu:

Aí, eu contando a minha vizinha, ela disse: Ana eu já fui duas reuniões lá no Limoeiro tem uma turma que tá acampando ali, perto do AQUA VALE. Aí eu disse é mesmo? Ela disse: É, foram uma reunião ontem. Vamos lá amanhã? Eu disse vamos. (ANA, 2017).

Dona Ana e mais dez amigas foram buscar os representantes do acampamento, e conseguiram um lugar para armar sua barraca de lona. Não era qualquer barraca: era a esperança de dias melhores.

Ao ouvir essa mulher, percebemos que há algo que é raro nas pessoas, a perseverança. Seu amor pela terra não morreu com as dificuldades. Conheceu um novo grupo de pessoas, e acampou novamente. Passou por inúmeras situações, inclusive violência, por estar em terras alheias; assédios, por ser mulher e estar na luta sozinha, porque até então seu marido não aceitava, nem acreditava na luta pela terra. Vemos na fala de Dona Ana que o patriarcado foi/é presente na vida das mulheres e a tentativa de dominação é constante. Como cita Almeida (2010, p.13) “[...] O patriarcado como sistema de dominação das mulheres pelos homens, ainda está presente na sociedade atual, mais visível de forma diferenciada e apresenta-se em distintas configurações desde a famílias ao Estado”.

Depois de sete anos de espera, em 2006, através do MST aquelas pessoas conseguiram a desapropriação da terra: Dona Ana viu seu sonho se realizar. Em 2008 iniciou-se a construção das casas, e denominaram como Projeto de Assentamento Maurício de Oliveira, que de acordo com Dona Ana (2017):

[...] ele foi um dos que lutou com a gente, e nós permaneceu através dele, porque ele disse assim: Essa terra tem água, então ela é produtiva, e tem como eles permanecer. Foi por isso que nós estamos aqui, e por isso a gente resolveu botar o nome do assentamento, “[...] ele cumpriu a missão dele e nós também, porque botamos o nome dele no Assentamento”.

²⁰ Comunidade rural localizada no vale do Assú-RN. Disponível em: <http://assuguia.com.br/lagoa-do-piato/>. Acesso em: 18/03/2018.

²¹ O significado da sigla INCRA encontra-se no capítulo I na nota de rodapé 3.

Dona Ana relata, com emoção, que pouco tempo após a conquista da terra o professor Mauricio de Oliveira faleceu, mas deixou por escrito um documento assegurando que a terra era produtiva e que tinha como as pessoas sobreviverem dela.

Ela nos relata o amor pelo seu quintal, pela sua casa, e garante não se arrepender de nada, se fosse preciso faria tudo novamente, pois segundo ela aquele pedaço de chão é seu paraíso:

Aqui é o paraíso, aqui foi o canto que eu acho que Deus colocou cada um no seu quadrado. Então muita gente chega: Ana vamo troca, eu gostei tanto daqui. Eu digo: Quem gostou mais foi eu, Deus me botou aqui, aqui é que eu vou ficar (ANA, 2017).

Dona Ana começou a fazer da sua terra seu meio de sobrevivência. A luta pela permanência na terra continuou. Fez seu quintal produtivo, no qual ela denomina de “paraíso”. Um lugar onde flora sentimentos. Dona Ana e companheiras conseguiram projetos de viveiros de aves, curso de argila e para fazer cisternas, que é uma das tecnologias sociais desenvolvidas para conviver com semiárido:

Tais tecnologias são compreendidas como soluções técnicas simples não transferidas de nações ou países desenvolvidos para serem reaplicadas no semiárido, mas produzidas e aplicadas pelas populações sertanejas e apropriadas por elas, principalmente para a captação e o armazenamento da água da chuva, imprescindíveis, por isso, para o desenvolvimento sustentável local (LASSENCE et al, 2010 apud, Silva e Barros, 2016, p. 72).

Essas tecnologias foram/são de fundamental importância para o semiárido nordestino, pois a partir delas, os sujeitos que residem no campo tiveram a oportunidade de construir meios para conviver e sobreviver às dificuldades de sua região. A propagação dessas políticas públicas, que têm como principais precursores os movimentos sociais, como por exemplo o movimento feminista, o MST, a ASA Potiguar que vêm caminhando para um desenvolvimento sustentável singular do semiárido, questionando a lógica de combater a seca, e desenvolvendo caminhos para conviver com ela.

Dentro dessa perspectiva podemos destacar a importância dos movimentos sociais nessa luta, pois foi através deles que Dona Ana pode fazer o curso de cisterneira, rompendo barreiras e quebrando estereótipos, demostramos que mulheres podem e devem estar em vários espaços, fazendo o que têm vontade. Como afirma Dona Ana:

Aí, eu falei com Rodolfo e Vitor: Vitor meu filho, tá ruim; eu fiz o curso mas Damião não quer deixar eu ir trabaiá. E aí, você confia em mim? No trabalho de uma mulher? Ele disse: Por que? Eu tó precisando comprar meu material, eu vou fazer minha cisterna, se ele não deixou eu ir para lá, eu vou trabalhar aqui. [Vitor]: Ana, eu num acredito, não. Eu digo: Vou. (ANA, 2017).

Percebemos que Dona Ana enfrentou desafios diários, como por exemplo, o preconceito e a descrença do seu marido, que para confiar no seu trabalho, teve que colocar em prática o que aprendeu no curso sob os olhos da desconfiança de seu esposo, sendo julgada por não saber fazer as cisternas pelo simples fato de ser mulher. Pelo discurso de Dona Ana, observamos que ela não se deixa intimidar, é teimosa, insistente, valente, suave, doce e com a sua sutileza e força, consegue aos poucos realizar seus sonhos e suas vontades.

Dona Ana fez sua cisterna, com ajuda de seu marido, mesmo em meio a desconfiança:

[...] Vitor, meu filho, traga um kit pra mim, de tudo que eu tenho direito, placa, tudo, vou fazer minha cisterna. E Damião: Sabe num sabe, sabe, num sabe. E quem vai ser seus serventes, Ana? Eu digo: O marido de Ceíça e meu marido. Ah que eu nunca fui servente de uma muié: E eu disse, ah que vocês agora vão ser que eu fiz o curso. E Damião: acredito, não acredito. Ainda me lembro que esse pé de manga era pequeno, e nós forremos o solo com areia do rio, e Damião toda hora era uma chincada: Você num sabe! E eu, tudo na mente. (ANA, 2017)

Após dias de trabalho veio o reconhecimento:

[...] No final já estava fazendo os capote em pé, ele olhou pra mim e disse: Ceíça, isso aí é uma doida, se ela diz que é capaz, ela vai lá e faz, ela é capaz. Você está vendo? Ela tá fazendo em pé. Eu não tenho coragem e ela tem. Foi quando ele veio acreditar em mim, meu Deus. No final, na cobertura já (ANA, 2017).

Após terminar a sua cisterna, foi em busca de suas vizinhas para construírem também as cisternas dos moradores/as de sua comunidade, porém não tiveram êxito, não acreditaram no trabalho de duas mulheres, mesmo tendo feito o curso, se preparado, ainda não era suficiente, afinal eram mulheres, e a sociedade não está acostumada a ver/querer mulheres em alguns espaços desenvolvendo atividades ou tendo uma profissão. Dona Ana cita que a sua cisterna e a da sua amiga, foram as únicas que não deram problemas, as demais que foram feitas por homens, todas precisaram consertar depois: “*[...] Eu disse: Sabe o que é isso Dona Luzimar? Ela disse sei: é quem não acredita nas mulheres, a senhora tem que acreditar e ver que nós somos capazes*”. Vemos que o patriarcado entranhado na sociedade corrompe os sujeitos insistindo na valorização do poder dos homens sobre as mulheres fomentando a hierarquia do gênero masculino apontando que mulher só serve para reprodução e cuidados domésticos, como cita Almeida (2010, p. 34):

A categoria de gênero surge para explicar que a diferença entre homens e mulheres, no sentido de divisão do trabalho, das atividades e sentimentos atribuídos de forma específica para cada um, não é um elemento natural e nem está ligado necessariamente a estrutura anatômica dos corpos.

Dona Ana a partir de sua fala rompe com esse estereótipo. Percebemos com seu discurso uma mulher politizada, e solidária com a luta dos outros. A mulher que antes lutava por um pedaço de terra para plantar tornou-se referência para comunidade. Do seu quintal, come do que planta, e ainda divide com a vizinhança, comercializa com outras cidades e Estados, aumentando sua renda a partir da agricultura familiar, que tem uma relação direta com as sementes: Segundo Rodrigues e Mello (2010, p. 1):

Para a agricultura familiar a semente é o quarto poder depois da água do solo e do ar. As diversidades de sementes geram alimentos, remédios e casa, assim como a diversidade humana, que com diferentes ideologias e religiões nos dá riqueza cultural.

Dona Ana nos confessa uma das suas paixões, que são as sementes. Colher sementes nativas da caatinga se tornou uma das suas alegrias. Com essa atividade se tornou uma guardiã de sementes. Ela menciona que:

“[...] fui pegando uma aqui outra acolá, só sei que me apaixonei, agora eu tenho dois casamentos: com as sementes crioulas com as sementes nativas eu gostava de mexer com semente, antes eu só tinha paixão por sementes crioulas, que é milho, feijão, gergelim, jerimum, melancia. Através de Tiago e desse viveiro eu passei a gostar de outras sementes, que era as sementes da mata, né! (ANA, 2017).

Seu trabalho é de suma importância por contribuir com o reflorestamento das áreas em extinção. Dona Ana nos relata que antes era uma coletora clandestina, mas agora já é legalizada e isso só foi possível graças a um curso de capacitação que ela participou oferecido pela Vale Sustentável²² Dona Ana diz que:

“[...] Ai aprendi cada vez mais, de como a gente deve guarda as nossas sementes, e ser guardião de sementes então foi muito importante. Em todos os quintais, que tem uma manga, que tem um cajueiro, que tem uma tamarina, uma planta frutiva, um cajueiro precoce, tem uma diversidade, uma graviola, tudo que você imaginar saiu daqui, que foi distribuído tanto pra cá, primeiramente foi o Maurício de Oliveira, e segundo foi da chapada do Apodi pra cá vários assentamentos foram beneficiados” (ANA, 2017).

Ela faz questão de afirmar que de nada vale só ela conhecer; ela divide suas sementes com vizinhos/as, mas com a condição de quando colherem, devolver o que levou, para poder passar para outros e assim dar continuidade ao trabalho, quando percorre o Nordeste falando da importância da agroecologia. A partir da ideia de Primavesi, (2008, p. 9), “A Ecologia se refere ao sistema natural de cada local, envolvendo o solo, o clima, os seres vivos, bem como

²² O programa Vale Sustentável financiado pelo programa socioambiental Petrobrás tem como principal objetivo recuperar 130 hectares de áreas degradadas, através do enriquecimento da cobertura florestal bem como promover agentes ambientais e a constituição de agente coletores de sementes nativas da caatinga visando a preservação da biodiversidade.

as inter-relações entre esses três componentes. Trabalhar ecologicamente significa manejar os recursos naturais respeitando a teia da vida” É justamente nessa perspectiva que trabalha Dona Ana: respeitando a vida, o meio ambiente, e o espaço, plantando, consumindo e repassando para outras pessoas, produtos livres de agrotóxicos.

Com sabedoria e garra conquistou a terra, o respeito de seu marido, mas ainda enfrenta outras batalhas, para ser aceita na sociedade, de ser reconhecida como agricultora que luta contra o agronegócio e contra o patriarcado.

3.2 A loucura ou lucidez? O guardião de sementes do sertão potiguar



Seu Golinha²³, P.A Tabuleiro Grande.

Este Tópico foi pensado para falar de um homem nordestino nascido, no ano de 1956 no interior do Rio Grande do Norte na comunidade rural de Sítio do Góis município de Apodi-RN: Seu Golinha. Ele uma pessoa que foge dos padrões e que tem uma relação íntima com a natureza que leva muitas vezes a ser chamado de louco por isso: “[...] Quando eu comecei isso aqui, eu comecei só, às vezes eu tô nos mato, coletando sementes, e passa um e diz, esse homem é doido” é?” (GOLINHA, 2017)”. Começo esse tópico com uma indagação, o que seria loucura? O que entendemos por loucura? Seria alguém louco por não se enquadrar nos padrões sociais? Para Foucault (1978, p.18) “[...] A denúncia da loucura torna-se a forma geral da crítica. Nas farsas e no personagem do Louco, do Simplório, ou do bobo assume cada vez maior importância. Ele não é mais, marginalmente, a silhueta ridícula e familiar”.

Seria Seu Golinha, um bobo um louco por respeitar a natureza? Seria ele um doente por exercer um trabalho tão significativo para o meio ambiente e conseqüentemente para a sociedade? Se for louco Seu Golinha fez da sua loucura uma linguagem que não é somente sua, que foi construída através de seus antepassados.

²³ Fonte: arquivo pessoal da Professora Kyara Maria de Almeida Vieira.

Podemos perceber que Seu Golinha não faz das “verdades ditas pelo mundo” as suas verdades: ele constrói seu próprio conhecimento, suas relações, seus anseios, trabalhos e vontades. Como diria Hall (2005), isso vem de uma construção indenitária, que foge dos padrões sociais. Se for loucura, ela perdura por mais de 300 anos. “Uma loucura” que lhe dá orgulho, prazer, e esperança que, a partir do seu trabalho se (re) constrói um meio ambiente melhor.

Percebemos no discurso de Seu Golinha que não são apenas sementes coletadas e guardadas, são memórias e afetos que vem de geração para geração, uma tradição que vem se mantendo viva, se adequando de acordo com sua temporalidade. Perguntamos a Seu Golinha como se iniciou sua trajetória com as sementes, ao que ele nos responde que iniciou ainda pequeno, que sempre foi fascinado pela natureza:

Deixei de estudar pra trabalhar. Eu sempre muito curioso, perguntava: Papai que planta é essa? E ele tinha muito conhecimento sempre, me dizia, e eu gravando. E papai vinha plantando algumas sementes já: milho, feijão, as crioulas né? A semente da paixão, a semente do Rio Grande do Norte foi batizada, é a Semente de Tradição. As pessoas ficam se perguntando por que? Mas é aquela que já vem de muito tempo (GOLINHA, 2017).

De acordo com a fala de Seu Golinha podemos perceber que, além dele, existem outros/as guardiões/ãs de sementes que estão espalhados por várias outras regiões e cada localidade tem sua semente específica, como ele cita, as sementes da Paraíba que são conhecidas como Sementes da Paixão, no Rio Grande do Norte as Sementes da Tradição, se organiza essas nomenclaturas. O mesmo ainda cita que os/as agricultores/as produzem, trocam e comercializam entre si as sementes que devem estar livres de agrotóxicos.

Seu Golinha é camponês, não teve estudo, mas, tem muito cuidado com as palavras e como as resignifica dando conotação ao seu ofício. Um homem sertanejo, humilde, sensível e protetor de uma comunidade, das pessoas que lá vivem, das sementes e da história. Seu Golinha expressa profundo afeto pelo seu lugar através de versos:

Amigo preste atenção, a história que eu vou falar/ Sítio do Góis, lá onde eu deixei meu lar/ e muitos amigos bons, pra onde eu pretendo voltar/ Sítio do Góis continua um lugar abençoado/ a onde escapou muita gente e muitos rebanhos de gado, segundo os mais vei, me passaram esse resultado. (GOLINHA, 2017).

Seu Golinha cresceu no meio do mato, despertando logo cedo sua paixão pela natureza. Herdando o título de guardião de sementes, tradição que já está na terceira geração de sua família que pretende deixar para as gerações vindouras. Seu ofício de guardião de sementes ganhou notoriedade, e despertou interesse de algumas entidades que o apoiam em

sua empreitada, como a exemplo da COOPERVIDA, Projeto Dom Elder Câmara, ASA. Essas entidades são de fundamental importância em sua caminhada, o levando a percorrer algumas regiões do Brasil mostrando seus conhecimentos e falando sobre suas sementes e a importância delas para a sua vida e para a natureza.

Quando questionado sobre sua relação com seu lugar de morada, o Projeto de Assentamento Tabuleiro Grande²⁴, ele nos relata que gosta da sua casa que foi uma conquista importante para ele e as pessoas que moram lá:

Em 2000 eu entrei aqui no Tabuleiro, quando surgiu esse assentamento, Sidineis que na época era o dono disso aqui, ele vendeu para o INCRA, e na época nós tinha medo de entrar na terra e botar nós pra fora. Aí veio uma equipe de pessoas que chegaram aqui, e ocuparam o terreno. Uma equipe do MST. Eles disseram: Rapaz, se vocês não ocuparem, nós vamos ocupar. (GOLINHA, 2017).

Ressaltou ainda que tem em seu assentamento um trabalho muito importante que é o manejo da caatinga, em que trabalha em prol do seu reflorestamento partindo das sementes nativas. O mesmo é defensor da agroecologia²⁵, Segundo que nunca usou veneno em suas plantações, e que não planta próximo a campos que utilizam insumos químicos, nem troca suas sementes com qualquer pessoa. Primeiro a pessoa tem que mostrar um selo demonstrando que sua semente não é transgênica:

Se a pessoa não tiver certificação não troco; eu dou um pouquinho a ele, mas não quero a dele. Porque olhe, as pessoas dizem: Home você não tem medo não de contaminar as suas? Eu digo hoje eu temo muito porque com 500 metros tem a capacidade de contaminar. Por isso que todos os anos, eu faço por onde fazer esse teste. Eu só luto com essas sementes, até o dia que elas adquirir veneno, porque no dia que tiver, eu paro de plantar. (GOLINHA, 2017).

Observamos com o discurso de Seu Golinha o cuidado com suas sementes, e acima de tudo com a saúde do ambiente. É importante citar que Seu Golinha, trabalha em quintais produtivos²⁶. A atividade do mesmo se dá a partir da experiência das mulheres de sua comunidade, ele observa o que não deu certo no programa após implantado e cria estratégia de melhoramento na produção. Segundo Santos (2012, p. 20) “[...] a perspectiva agroecológica tem contribuído para o enfrentamento das desigualdades de gênero, que historicamente, colocam a mulher em condição subalterna em relação ao homem”. Mediante

²⁴ Tabuleiro Grande é um Projeto de Assentamento que fica localizado na Zona Rural da cidade de Apodi-RN.

²⁵ A Agroecologia tem impulsionado uma nova forma de entender e fazer agricultura, construído outras relações com a natureza e entre as pessoas, buscando o respeito, a solidariedade e a construção coletiva como estratégia de sobrevivência (SANTOS 2012, p. 20).

²⁶ Quintais produtivos são áreas próximas a casas onde residem e há uma produção diversificada no qual podemos citar a criação de pequenos animais (aves, caprinos, ovinos, porcos) e cultivo de plantas medicinais, frutíferas, hortaliças, dentre outras.

essa afirmação faz-se necessário dizer que para além das questões ambientais a agroecologia vem contribuindo para a autonomia dos sujeitos do campo, principalmente as mulheres, estimulando a independência dos mesmos tendo em vista que seus princípios são pautados na solidariedade e do respeito entre as pessoas.

Seu Golinha, que também se coloca como aprendiz nessa roda gigante que é a vida percebe a importância das mulheres para sua comunidade e cita: “[...] *Eu incentivo a plantar orgânico. Porque produz saúde e aprendo com elas*”. Perguntamos ao mesmo, qual é a principal meio de sobrevivência do assentamento, e ele nos responde. “[...] *Olhe, a agricultura, a criação de bode, de ovelha, gado, e ultimamente não tem dado certo, mas as abelhas ajudou muita gente*”. Percebemos que a agroecologia faz parte da vida de Seu Golinha, é perceptível o seu trato com a natureza segundo os conceitos agroecológicos: “[...] a agroecologia pretende, restabelecer as relações harmônicas entre o homem e seu espaço natural, minimizando o impacto das atividades agrícolas no ambiente e ampliando os benefícios da agricultura para além do espaço rural” (FINATTO E SALAMONI, 2008, p. 19)

Seu Golinha tem uma história de vida difícil, que faz germinar no coração de quem o conhece uma profunda gratidão pelo seu trabalho, pela força, e pela gentileza com quem cuida de si do outro e do seu lugar, rompendo com alguns códigos de masculinidade definidas pela sociedade, no sentido dito por Vieira (2010, p. 02), “[...] pensar sobre a masculinidade é pensar sobre o homem de verdade, chamado de ‘machão’, caracterizado prescritivamente em seu papel social por ser viril e conquistador, ter sucesso, poder e prestígio social”.

No sertão do Oeste Potiguar em uma comunidade rural, encontramos uma pessoa que nos convida a repensar o que seria um homem “macho”, mas que não se enquadra nas definições citadas acima, ao contrário, se coloca na posição de cuidador. Um homem doce, educado, amável, um homem que prefere viver só, e diz que não quer uma companheira:

Tem pessoas que dizem: Golinha eu vou arrumar alguém pra você, Eu digo: num quero não. Vou já dizer porque. Essa pessoa vem já me perturbar aqui. Olhe, homem no mundo tem muitos, mas donos de casa tem poucos. Mulher no mundo tem muitas, mas dona de casa tem poucas. Ai às vezes chega uma pessoa que lhe desassossega, quebra cabeça, então eu acho melhor tá só. (GOLINHA, 2017)

Essa afirmação de Seu Golinha coloca em xeque a lógica matrimonial de que todas as pessoas têm que casar, mas, além disso, rompe com a imagem do homem que não cuida da casa enquanto espaço de existência para além de “colocar comida dentro de casa”. O que prioriza não é o casamento, mas o seu sossego, não quebrar cabeça numa oposição ao que é constituído para o casamento.

Ainda parafraseando Vieira (2010, p. 02) “[...] Daí que não apenas é possível questionar os pressupostos que delineiam e demarcam a efetivação do que significamos como masculinidade” pois essas experiências que nos possibilitam (re) pensar a imposição social do ser homem, macho enquanto sinônimo de reprodutor ou provedor. A partir desse posicionamento do nosso entrevistado, observamos certa sensibilidade em sua visão, que por muitos é condenada, pois a sociedade dita um modelo que temos que seguir, e Seu Golinha não segue não se molda nas regras dita pela nossa cultura ocidental cristocêntrica e falocêntrica.

Observamos ainda que ele é um homem sensível, que tem uma relação íntima com a poesia: está produzindo um livro contando a história do Sítio do Góes em versos, Seu Golinha como já foi dito, não frequentou a escola, problema esse decorrente não só na sua realidade, mas, se configura como sendo um problema social discutido por alguns autores a exemplo de Souza (1999, p. 172):

As taxas de analfabetismo no Brasil são altas, se comparadas com as de outros países. Enquanto diverso país que não podem ser considerados altamente desenvolvidos tem taxas de analfabetismo abaixo dos 6%, o Brasil apresenta taxas de 18%, ficando, na América Latina, em uma posição intermediária entre Equador e Bolívia.

Seu Golinha está dentro dessas estáticas de analfabetismo do Brasil, porém apresenta facilidade com a interpretação e a oralidade, como foi possível perceber em algumas de suas estrofes que ele recitou do seu livro:

Escrever a história do Góis/ Pra mim é de grande importância/ foi uma coisa que eu pensei/ e botei na minha lembrança/ escrever alguma coisa e deixar aqui pras crianças (GOLINHA, 2017).

Percebemos o cuidado de Seu Golinha com “o lugar do seu coração” como ele fala, e também seu pensamento idílico sobre aquele pedaço de chão. Na concepção do mesmo, Sítio do Góes ainda era para estar do mesmo jeito, com as matas intocáveis e as cacimbas preservadas:

Uma vez me convocaram para uma reunião no Gois, já fazia uns quatro anos que eu não andava numa certa região, e a reunião demorou e eu fui andar, e me deparei com aquela situação. As caraibeiras, tudo demolidas, as oiticicas, as cacimbas enterradas. Aí eu disse: meu Deus como é que pode uma coisa dessas? A minha vivência toda foi aqui, e agora tá se acabando, eu vou escrever alguma coisa sobre isso aqui. Eu não sei escrever, mas conheço quem sabe, eu peço pra escrever. Aí pensei em fazer e eu acho que vai dar certo, porque o sítio tem mais de 300 anos, e ele merece, (GOLINHA, 2017).

A visão regionalista de Seu Golinha nos convida a pensar em um lugar intocável, tornando-se idealizado. Porém, como nos traz Guimarães Neto (2005) não é possível que um

lugar permaneça o mesmo pois nele há disputas de territórios, e é através dessas disputas que surgem novas identidades e essas identidades nos apresentam novas representações, que segundo Chartier (1990) se constituem a partir das relações sociais e essas relações em muitas das vezes implicam na violação de certos ambientes.

Outra percepção que pode ser elencada a partir da fala de Seu Golinha é a questão do patrimônio histórico cultural e natural, quando o mesmo fala da paisagem do seu lugar, do que existia antes, mas que está sendo deteriorado. Levando em consideração segundo Seu Golinha que o Sítio do Góes já tem mais de 300 anos de existência. Para respaldar a discussão sobre esses patrimônios podemos destacar que:

No 1972, a UNESCO²⁷ consentiu a Convenção para o Patrimônio Mundial, Cultural e Natural com o entendimento de que tinham patrimônios no mundo que possuem interesses e que exigiam “preservação como elemento do patrimônio de toda humanidade”. (UNESCO, 1972, p.2).

As narrativas do entrevistado nos possibilitam perceber que as imagens do espaço atuam na memória individual e coletiva das pessoas, Seu Golinha reconhece a importância histórica de um cenário que por muito tempo foi palco de muitas lutas e de sobrevivência de muitas pessoas, mas o tempo não perdoa, quando algo não é cuidado como é o caso das cacimbas, das antigas casas das oiticicas, há destruição porque o tempo é volúvel, está em constante movimento; o que permanece são as memórias dos tempos de outrora. Guimarães Neto (2005, p.3) aponta que:

Essas noções orientam a metodologia dos relatos em sua diversidade, tecendo os lugares através dos percursos dos seus moradores, impressos nos traços da memória [...]. No conjunto das narrativas, destaca-se, portanto, o tempo denso das memórias, composto em várias temporalidades que se estendem e se envolvem umas às outras, e os relatos de percurso que circunscrevem os espaços habitados.

A preocupação de Seu Golinha é pertinente, e de suma importância para que as memórias de sua comunidade não se percam, e para que outros/as possam ter acesso a esse documento e entendam como se deu o percurso da construção de seu lugar.

Seu Golinha é querido e respeitado na sua comunidade, uma figura rara, impossível não olhar para ele e não se remeter ao sertão, a caatinga, o roçado a natureza, o sol forte. O olhar, o sorriso, a voz mansa e agradável de um homem, que transpira poesia, força e coragem, um pessoa que nos enche de orgulho, de esperança, nos fazendo acreditar que ainda

²⁷ Unesco: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) foi criada em 16 de novembro de 1945, logo após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados-Membros – hoje são 193 países – na busca de soluções para os problemas que desafiam nossas sociedades.

vale apenas acreditar nas pessoas, acreditando também no semiárido e nas riquezas que ele tem a nos oferecer, nas histórias que ele pode nos contar, pois como traz Rolnik (1997, p. 04) “Não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia; e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo seu perfil”.

3.3 A luz de Marghe (rita) nasce uma nova esperança



Dona Rita²⁸, P.A Nova Esperança.

Rita é o diminutivo do nome italiano Margherita, que deu origem à Margarida, do latim Margarita, que quer dizer literalmente “pérola”. Para os gregos significa “criatura de luz” e é exatamente assim a pessoa de Dona Rita, iluminada, valente. Tem a delicadeza e a alegria de uma margarida que torna qualquer ambiente agradável, e a força e teimosia das flores da caatinga que insistem em aflorar mesmo em tempos difíceis.

Dona Rita também é teimosa e inflexível em alguns casos. Nascida no dia 24/10/1945 na cidade de Mossoró-RN, casou com 27 anos, teve 13 filhos, tem 13 netos e 3 bisnetos. Perdeu seu esposo com 55 anos, ficou sozinha com seus/as filhos/as, enfrentando as batalhas diárias. Ela relata que seu grande sonho era dar uma casa para sua filha, mas não tinha condições. Foi aí que ficou sabendo, através de uma amiga, que estavam ocupando uma terra no caminho para Baraúnas- RN. Dona Rita foi em busca de seu sonho, e logo ficou acampada lutando junto aos companheiros/as por um pedaço de chão para construir a casa e dar para sua filha.

Depois de muita resistência, conseguiram as casas. Dona Rita, realizou o sonho de dar a casa para sua filha, e hoje é agregada, no assentamento que ela ajudou a fundar. O

²⁸Arquivo Pessoal da Professora Kyara Maria de Almeida Vieira.

Projeto de Assentamento (P.A) Nova esperança tem 175 moradores/as e uma estreita relação com o MST, aspecto diferente dos quatro assentamentos estudados porque nenhum tem relação direta com o MST como o Nova Esperança.

Realizou outro grande sonho que foi formar três das suas filhas no primeiro curso do Rio Grande do Norte voltado para as populações do campo, o Pedagogia da Terra pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (2006):

Ah, foi um sonho, vixi Maria! Eu dizia a meu Deus, dizia assim: Jesus o Senhor é maravilhoso, só assim agora, eu vou formar minhas filhas. Meu pai eterno, obrigado. Foi a maior alegria da vida. Eu me ofereci até para cozinhar (RITA, 2017).

O esmero de Dona Rita ao falar do curso reflete à valorização da Educação. Ela narra como o Curso de Pedagogia da Terra anunciou novos tempos para jovens, mulheres e homens do campo. Uma luta diária para conseguir resistir aos percalços encontrados. Ela nos diz que se ofereceu para fazer a comida dos/das estudantes pelo fato das filhas estudarem, mas por também gostar das/dos outros estudantes de forma especial: “[...] eram meus filhos, eles me respeitavam sabe, me cativavam demais, eu tenho um amor grande por todos”.

Mediante esse acontecimento muito presente na fala de Dona Rita é importante frisar que o curso de Pedagogia da Terra é oriundo das lutas dos Movimentos Sociais para que as populações do campo tenham acesso à uma educação gratuita e de qualidade, rompendo com o processo de exclusão educacional das populações camponesas.

Com o intuito de reivindicar os direitos dos povos camponeses a educação do campo nos últimos anos, sobretudo a partir do início dos anos 2000, em razão de reivindicação dos movimentos sociais, algumas conquistas podem ser percebidas a partir de documentos legais e políticas públicas (Diretrizes da Educação do Campo/ PRONERA²⁹/ PROCAMPO³⁰). Dentre as conquistas asseguradas a população do campo está o direito ao acesso à escola no campo, em seu lugar de origem, com uma educação que atenda às especificidades da sua realidade. Conseguir um curso de formação de professor/a para atuar no campo, foi um grande marco para a população camponesa do Brasil e do Oeste Potiguar.

²⁹ PRONERA: O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária criado no ano de 1998 propõe e apoia projetos de educação voltados para o desenvolvimento das áreas de reforma agrária. Disponível em: http://www.incra.gov.br/educacao_pronera Acesso em: 19/03/2019.

³⁰ PROCAMPO: O Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo apoia a implementação de cursos regulares de licenciatura em educação do campo nas instituições públicas de ensino superior de todo o país, voltados especificamente para a formação de educadores para a docência nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio nas escolas rurais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/tv-mec>. Acesso em: 19/03/2018.

O curso de Pedagogia da Terra é um exemplo dessas conquistas, e da resistência dos movimentos sociais. Dona Rita cita que o MST foi um dos percussores que lutou para a efetivação do curso na cidade de Mossoró-RN. O brilho nos olhos da mesma ao falar dos “seus meninos”, como diz ela, nos faz pensar nas mães e nos pais desses sujeitos que saem de casa em busca de um sonho, e na importância dos Movimentos Sociais para a luta dos menos favorecidos.

Dona Rita nos relatou que a dinâmica de organização do Assentamento Nova Esperança se dá de acordo com as práticas do MST. No assentamento tem duas associações, como cita a mesma: “[...] *É porque nós somos uma associação do MST, somos 55 famílias, só o resto é do sindicato*”. Dona Rita é militante do movimento e não esconde o respeito pelo MST.

Questionamos Dona Rita sobre os meios de sobrevivência do assentamento, e se o assentamento recebeu ou recebe assistência técnica. Ela nos relata que não, que tudo de assistência que tinha de receber já receberam e o meio de sobrevivência são: “[...] *Na agricultura, que todos prantam, que tem como se manter né, mas quando num tem, tem que ir pra rua, porque num vai morrer de fome*”. Dona Rita cujo sonho era dar uma casa para sua filha se ampliou, posto que não apenas ela veio morar no assentamento, mas, trouxe 3 filhos e diz:

[...] *Eu vim pra minha filha, porque ela não tinha condições de possuir uma casa, e nem eu dar uma casa a ela. Eu digo, eu vou dar uma agora, eu não, Lula quem vai dar uma casa a ela. [...] Fiquei e venci, estou vencendo, aí trouxe mais três filhos e pronto.*

Percebemos com os relatos de Dona Rita que ela se coloca no lugar de provedora, da que define a vida dos filhos/as. Essas experiências nos apontam as mulheres fortes do Semiárido Potiguar, que vão a luta e não permite se abater com as dificuldades; uma mulher forte, de fibra, que não se intimida perante a sociedade.

Dona Rita, mesmo sendo uma das pessoas que mais lutou e luta para permanecer na terra, que luta em busca de melhorias para sua comunidade e que segundo sua filha Luzia, nunca permitiu que seu marido mandasse nas suas escolhas, em alguns momentos faz discurso como relação às mulheres, que nos inquieta, quando cita, por exemplo, que: “[...] *A unidade das mulheres é mais ambiciosa do que os homens né? Elas botavam os homens na perdição* (RITA, 2017).

Elas botavam os homens na perdição” Dona Rita atualiza a percepção culturalmente (bíblica) de que a mulher traz perigo, como afirma Drumont (1980, p. 81):

O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos.

No relato de Dona Rita não partia do homem a ideia de sair, de ir para a bodega; partia das mulheres, maliciosas e astutas. Insistir e convencer Kezim (colega de turma das estudantes do Curso de Pedagogia da Terra) a levá-las a bodega porque só podiam sair mediante a companhia de um homem:

Elas diziam assim, peça a Dona Rita, que ela só deixa se você for, que era um rapaz chamado Kezim, uma pessoa mermo amoroso, tudo delas era Kezim, Kezim, num sei o que, chamando, ele pra conversava [...] tinha a bodega lá em Dior, elas dizia, Dona Rita, eu digo que é, vou saindo: pra onde? Vou ali, venha logo viu, tou aqui esperando, vou cuspir no chão viu, esperando vocês (RITA, 2017)

A narrativa de Dona Rita, não apenas indica que as mulheres não tinham autonomia para saírem a sós, mas, recoloca a necessidade de ter olhos que as vigiassem e as diminuíssem caso fizessem algo “errado” e olhos masculinos. Mesmo Kezim sendo amoroso, mesmo sendo uma mulher (Dona Rita) que dava a permissão para as moças da Pedagogia da Terra saírem para a bodega, os olhos e a presença do masculino é a “segurança” que essas mulheres teriam, seus cuidados e não fariam nada de errado.

Mas, mesmo pensando que mulheres são astutas, mesmo dando ao masculino lugar de controle dos corpos das mulheres, Dona Rita as permite ir para a diversão (a bodega), sob os cuidados de um homem que ela sabia ser “amoroso” ao defender alguns signos do patriarcado.

Além de considerar a escolha de religiosa de Dona Rita (Católica) é preciso considerar sua educação, posto que é uma mulher com mais de 60 anos, que atravessou a segunda metade do século XX num Brasil conservador sob o julgo da Ditadura Civil Militar (1964-1985) que travou ainda mais as mudanças quanto aos direitos das mulheres sobre si próprias. Essas percepções dos papéis distintos e hierárquicos para homens e mulheres não se limitam a uma determinada classe, como afirma Grönnagel (2015, p. p1):

Eu acho que isso não depende da classe social. Isso é em todas as classes. O que talvez mude seja o nível de desenvolvimento cultural de algumas camadas da sociedade, muito pequenas, talvez mais cosmopolitas, ou que têm uma formação educacional, cultural, mais privilegiada. Nelas isso tem diminuído. Mas é muito minoritário. É um país extremamente machista, o Brasil.

Dona Rita questiona a fixidez das identidades, posto que não é uma mulher submissa, porque ela não se coloca enquanto sujeito que aceita ser dominada (mesmo autorizando Kezim a vigiar as alunas do Pedagogia da Terra), que nunca permitiu que seu marido

interferisse nas suas escolhas: “[...] eu dizia muito a ele, nem eu mando na sua vida e nem você manda na minha, pronto! E vivemos 35 anos”.

Ainda nas suas múltiplas posturas, ela também não aceita as netas usarem roupas curtas é contra mulher ir para mesa de um bar e ainda afirma que: “[...] Eu acho que cada pessoa deve conhecer seu lugar né”? E ainda ratifica: “Cada pessoa tem um jeito, eu fui criada desse jeito”. Mesmo sem nunca ter ido a escola Dona Rita faz circular a dança das identidades, reconhece que é a “criação” a forma como somos/fomos educados/as que nos orienta a estar no mundo. A ler o mundo. O que acontece é que as identidades apresentam mudanças estas que ocorrem de acordo com as temporalidades vivenciadas, e por isso as percepções como as de Dona Rita, apresentam mudanças. Segundo Hall (2005, p. 7), “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, visto como um sujeito unificado”.

A doce e afetuosa, brava, séria Rita segue contando sua experiência no assentamento em que ajudou a construir, diz que foram dias de muita luta, que comandava todos os moradores junto com mais dois colegas. Ela é uma grande referência na comunidade. A mesma relata que todos a respeita muito, que a tem como uma mãe:

Logo eu trato eles bem, eu respeito eles, eu converso com eles, eles vêm aqui, muitas das vezes, Dona Rita vim aqui pra senhora me dar isso assim, assim, resolver isso por mim, eu posso fazer, eu digo assim, senta aí, vamos conversar, vamos ver, se num der certo você vai simbora, se der você vai fazer (RITA, 2017).

Partindo dessa visão percebemos que Dona Rita se coloca, como a simbologia de mãe, protetora, que indica o caminho certo, mas na verdade ela é para todos/as uma espécie de provedora que sempre, define a vida dos/as filhos/ e daqueles/as que a buscam. Os moradores do P.A Nova Esperança e os/as estudantes do Curso de Pedagogia da Terra construíram laços afetivos com Dona Rita. Ela fala que a melhor época da sua vida foi a vivencia do curso em sua comunidade, que foi uma conquista e a realização de um sonho, sonho que não foi sonhado só, foi sonhado junto a outras pessoas. Como bem diz (RICOEUR, 1965/1977 *apud*, MEDEIROS, 2015, p. 17-18):

[...] esse termo – sonho – não é um termo que fecha, mas que abre. Não se fecha sobre um fenômeno até certo ponto marginal de nossa vida psicológica, sobre a fantasia de nossas noites, sobre o onírico. Ele se abre a todas as produções psíquicas enquanto são análogas ao sonho, na loucura e na cultura, quaisquer que sejam seu grau e o princípio desse parentesco.

Esse sonho foi idealizado por muitos durante muito tempo, e foi realizado depois de muitos sacrifícios, como diz o Ricoeur (1965/1977) sonhos que abriram clareiras para trilharem novos caminhos e Dona Rita sente-se orgulhosa de ter feito parte desse processo: “[...] A faculdade foi um exemplo, pra nós e pra quem estudou, porque foi dentro da faculdade que eu aprendi amar as pessoas”. A narrativa de Dona Rita nos faz pensar na importância das relações, de como temos a aprender com as outras pessoas. E como se faz necessário nos abriremos para deixar que essas relações nos afetem de uma outra forma, para compreender melhor o outro e tornar o outro parte de nós.

3.4 Da luta surgem líderes, na resistência se constrói afetos: narrativas de um camponês



Seu Edilson, P.A São Manoel

Seu Edilson, agricultor, nascido no ano de 1956 no Sítio Algodão, zona rural de Apodi-RN, lá viveu toda sua infância e adolescência ajudando o pai no roçado. Seu Edilson narra para nós a sua longa trajetória até a conquista de sua casa no Projeto de Assentamento São Manoel. A luta pela terra começou na década de 1990 quando os Movimentos Sociais chegaram à cidade de Apodi com a proposta de ocupar as terras improdutivas, Mateus e Pereira (2016, p. 01) dizem que:

Os movimentos sociais entram no cenário nacional com a finalidade de lutar pela garantia de direitos muitas vezes negligenciados pelo poder público e pelos diversos setores da sociedade, dentre eles o direito a terra como condição fundamental de sobrevivência. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada no ano de 1948, no seu artigo III afirma que todo ser humano tem direito a vida, e no artigo XXIII, que todos e todas têm direito ao trabalho. Nessa perspectiva, podemos argumentar que a luta pela terra representa a luta pelo atendimento a esses dois direitos.

O objetivo de Seu Edilson junto com os companheiros era conseguir um pedaço de chão para poderem trabalhar e (re) construir suas vidas junto com suas famílias. Nesse contexto, um grupo de agricultores e agricultoras da comunidade de Poço de Tilon, lugar onde residia Seu Edilson, se organizou com a ajuda dos movimentos sociais e ocupou a terra. De acordo com as narrativas de Seu Edilson, foi uma negociação pacífica com o dono da terra que optou por vender para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O mesmo destaca que a construção das casas se deu logo após a negociação, de forma conjunta, uns ajudando os outros: “[...] Nós começamos com trinta e duas (32) quando foi feita a vistoria, aí a propriedade só pegava 28, e 4 foi tirado para outro canto, eram um pessoal mais próximo de Apodi ficaram por aquela região”.

A luta pela terra se legitima quando grupos menos favorecidos necessita dela para sobreviver e se articulam para reivindicar. O Brasil possui uma grande quantidade de terra, porém foi dividida de forma irregular ficando uma maior parcela para os latifundiários. A ocupação é uma das formas de resistência que caracteriza a luta:

No Brasil, a ocupação tornou-se uma importante forma de acesso à terra. Nas últimas décadas, ocupar latifúndios tem sido a principal ação da luta pela terra. Por meio das ocupações, os sem-terra espacializam a luta, conquistando a terra e territorializando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. (FERNANDES, 2001, p. X).

Seu Edilson nos fala um pouco do seu lugar, dos moradores regulares e dos agregados que são os filhos dos assentados que casam e constroem suas casas próximo a dos pais. Ele relata que são poucos, cerca de oito (8) pessoas. Seu Edilson, fala com saudade da sua antiga morada no Sítio Algodão, mas fala com muito mais apreço do lugar que conquistou e que passou a ser seu lugar de pertença. Ele se tornou um líder comunitário, sendo cinco (5) vezes reeleito presidente da associação de agricultores e agricultoras do assentamento São Manoel.

Atualmente, não está na presidência, mas desenvolve atividades que são de suma importância para o assentamento como participar das reuniões, dos fóruns buscando melhorias para a comunidade. Seu Edilson pontua as dificuldades que o assentamento enfrenta, e uma delas é a falta de assistência técnica, que prejudica o desenvolvimento do Assentamento:

[...] Eu trabalhei aqui três mandato sem assistência técnica porque o INCRA não contratava ninguém, e foi uma novela medonha era só fazendo edital e aí quando aquela chamada PUT caia, aí a empresa não queria contratar, acaba que eles não queria contratar mais nós fizemos o impossível (EDILSON, 2017).

Um dos grandes problemas observados não só na realidade do P.A São Manoel, mas de todos os outros que percorremos (com exceção do P.A Maurício de Oliveira) é essa

dificuldade com relação à assistência técnica. Esse aspecto foi relatado muitas vezes nas falas dos/as entrevistados/as, essa falta de acompanhamento técnico em muitos casos acaba gerando conflitos, porque cada um vai produzir a sua maneira, e isso interfere na produção do outro.

Seu Edilson nos diz que alguns moradores não se importam com seu roçado, com sua terra que batalharam tanto para conseguir:

Num dá briga porque ninguém vai brigar nem nada, mas nós fizemo um PRONAF, era pouco aí, os arame era pra fazer a cerca aí, fazia a cerca que servia para dois. Aí quando dá sorte de pegar um caba caprichoso, um lote desse tá cercado, mas, quando num pega aí à criação toma de conta. Aí esse é o tipo de desorganização que prejudica nós [...] o pedido da assistência técnica, foi esse: pra ajuda conscientiza esse povo dessas cerca. (EDILSON, 2017).

Percebemos que Seu Edilson desenvolve algumas atividades que contribuem para o desenvolvimento do Assentamento, beneficiando toda a população, adultos, idosos e Jovens. Observamos também, que Seu Edilson é um defensor da agroecologia, que defende a produção de alimentos livres de veneno e agrotóxico e se mostra muito preocupado com a situação do município de Apodi que está se cercado de empresas do agronegócio.

Seu Edilson fez daquele pedaço de chão seu lugar sagrado, fez da sua inchada sua caneta, da terra o seu caderno, e do barro nas unhas seu anel de formatura. E é feliz, muito feliz e não faz planos de sair dali. Segundo ele, não gosta nem de passear na cidade, ir na casa das filhas, porque se sente sufocado:

Esse assentamento pra nois é tudo! Se não fosse esse assentamento onde era que nós tava agora? Tava aí morando nos beço da estrada, trabaiano para uma empresa dessas morrendo com agrotóxico. A qui não. Aqui, graças a Deus, nós vive por conta própria (EDILSON, 2017)

O chiado da cadeira de Seu Edilson, ao narrar sua história, o cheiro do café vindo da cozinha feito pela sua esposa, me fez viajar, e ver o lugar de Seu Edilson, que também é meu lugar com outro olhar, com um sentimento de pertença e valorização. Quantos sonhos, quanta história tem ali, no nosso recanto. A nossa relação com aquele lugar que nos faz querer voltar, é aquele lugar que nos conecta com outros corações, outras narrativas, são essas histórias que nos une, e nos faz enxergarmos o outro de outra forma, mesmo depois de tanta luta e resistência. Seu Edilson é o exemplo de que não precisa de muito para ser feliz, que precisamos ser fortes e valentes, mas que também se faz necessário ser amável e gentil na caminhada da vida.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, as considerações finais, o momento de nos (des) prendermos de leituras, entrevistas e textos que fizeram parte do nosso cotidiano durante muito tempo. O fim de um trabalho que ainda tem muito a ser dito, escrito e falado. Após um longo período de noites em claro, anseios, lágrimas e sorrisos, percebemos que não somos as mesmas pessoas: cada relato, cada história, cada texto nos resignificaram e nos transformaram em alguém diferente do que um dia fomos.

Os encontros com os/as colaboradores/as nos ensinaram que há sempre o que aprender, o que compartilhar; as entrevistas e questionamentos, nos mostraram que o ato de pesquisar nos transforma e amplia nossas percepções. A pesquisa nos possibilitou conhecer outras realidades, descobrir outros lugares e ter contato com histórias de pessoas que continuam a existir e resistir no semiárido nordestino.

Respondendo aos objetivos da pesquisa, primeiramente buscamos investigar os agentes históricos da produção da memória em comunidades rurais do semiárido potiguar e como estão se constituindo as identidades das pessoas do campo.

O resultado da análise dos dados aponta o Oeste Potiguar enquanto um espaço composto por vidas em transformação e com muitas histórias ainda não ouvidas nem contadas. Observamos também as práticas culturais que nossos/as colaboradores/as construíram para possibilitar a circulação de seus saberes que são de suma importância para a composição de suas identidades, e o (re) conhecimento dos seus lugares.

Observamos ainda que a cultura desses lugares também não é estática, isso ficou perceptível quando nossos/as colaboradores/as se localizavam nas ruas do seu passado para narrar suas histórias. E como os artesãos, iam moldando suas memórias dando significados aos seus lugares. Mesmos nas falas mais conservadoras como as de Dona Rita e Seu Edilson, percebemos que as percepções sobre o tempo vivido mudam, e isso corrobora com a constituição de outras identidades.

Nosso segundo objetivo foi compreender a partir das narrativas das pessoas mais velhas como se deu a construção de suas comunidades. Percebemos que a conquista da terra se deu com o auxílio dos Movimentos Sociais, direta ou indiretamente. E mesmo que, na maioria dos assentamentos pesquisados, os donos das terras tenham feito acordo com INCRA sem maiores tensões, foi preciso persistência para compor o grupo de famílias que formariam os assentamentos, a resistência para a formalização da posse da terra, a luta para acessar as políticas que dão condições de permanecer na terra.

Aqueles homens e mulheres que nos disseram tanto e ainda tem tanto a dizer, não têm tido momentos e lugares em suas comunidades para circulação de suas memórias. Entretanto, isso não os impede de significar suas vidas a partir da história de seus assentamentos, do cotidiano que é atravessado pela sobrevivência no campo e pela convivência com o semiárido.

Nossos/as colaboradores/as não falaram somente de seu passado apenas como um acontecer cristalizado no tempo que se foi. Em suas narrativas, questões do passado se misturaram com questões atuais, como: agrotóxico, política, biodiversidade, saúde, plantas medicinais, agroecologia, tecnologias sociais, relações de gênero na contemporaneidade, programas governamentais. Assim, essas narrativas apontam não apenas para as várias identidades que homens e mulheres (do campo ou não) podem assumir, mas também para as múltiplas configurações do rural, rompendo com as representações estáticas e estereotipadas que historicamente são direcionadas aos povos do campo, aos povos do semiárido, ao Nordeste.

Por fim, a partir de suas experiências, nossos/as colaboradores/as nos trouxeram a complexidade da vida com sua mistura de poesia e crueza, nos mais variados espaços geográficos, a atravessar diferentes temporalidades, nos possibilitando perceber a multiplicidade do que podemos ser enquanto sujeitos de nossa própria história.

5. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteiras: história, espaço e identidades regionais/** Recife: Bagaço, 2008. p. 516.

_____. **História: a arte de inventar o passado.** Bauru, SP: EDUSC, 2007.

_____. **Violar a memória e gestar a história:** abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um “parto difícil”. In. CLIO-Revista de Pesquisa Histórica da UFPE. Recife: Universitária, n. 15. 1994.

ALMEIDA, Janaiky Pereira. **As multifaces do patriarcado:** uma análise das relações de gênero nas famílias homoafetivas. Recife: Dissertação de Mestrado, 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 13-67.

COSENTINO, Milena Callegari. **A memória coletiva e a construção da identidade em famílias da Sociedade Israelita de Ribeirão Preto.** 2013. 213f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)– FFCLRP- Departamento de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-24072013-104950/pt-br.php>. Acesso em: 26. dez. 2017.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma Análise do Machismo:** São Paulo, 3: 81-85, 1980. Disponível em: <https://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377>. Acesso em: 19/03/2018.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A ocupação como forma de acesso à terra.** In: XXIII Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-Americanos Washington setembro de 2001. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/fernandes_ocupacao.pdf. Acesso em: 03 mar. 2018.

FINATTO, Roberto Antônio; SALAMONI, Giancarla. Agricultura Familiar e Agroecologia: perfil da produção de base agroecológica do município de Pelotas, In. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20 ed. (2): 199-217, DEZ. 2008 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n2/a12v20n2.pdf>. Acesso em: 19/03/2018.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

_____, Michel. **A História da Loucura na Idade Clássica.** 1978. São Paulo, ed. Perspectiva.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral:** possibilidades e procedimentos, 2001.

GRÜNNAGEL, Christian. **No Brasil, mesmo as mulheres são machistas:** entrevista com Bernardo Ajzenberg. In: Estud. Lit. Bras. Contemp. n. 45, Brasília, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182015000100373. Acesso em: 19/03/2018.

GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades; PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **História, Memória e Práticas de Espaço**. 2005. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1497.pdf> Acesso em: 17 fev. 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro - 11 ed. - Rio de Janeiro; dp&A, 2005.

JESUS, Clesio Marcelino de; FERNANDES, Vinícius Rodrigues Vieira. **Desenvolvimento territorial rural**: análise socioeconômica dos territórios induzidos por políticas públicas no Rio Grande Norte. XVI ENANPUR. Belo Horizonte, 2015.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr. Tradução João Wanderley Geraldi. São Paulo: Autores associados, 2002.

MATEUS, Kergileda Ambrósio de Oliveira; PEREIRA, Reginaldo Santos. **Os movimentos sociais e a luta pelo direito a terra**. VIII FIPED, 2016. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV057_MD1_SA4_ID4926_30092016234533.pdf. Acesso: fev. 2018.

MATTOS, Beatriz Helena Oliveira de Mello. **Educação do campo e práticas educativas de convivência com o semiárido: a escola família agrícola Dom Fragoso**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza. 2010.

MEDEIROS, Jonas Torres. Paul Ricoeur, leitor de Freud: contribuições da psicanálise ao campo da filosofia hermenêutica. **Natureza humana** (versão impressa) ISSN 1517-2430 vol.17 no.1 São Paulo, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302015000100005 acesso em: 18/03/2018.

NEVES, Margarida. História e memória. In: MATTOS, Ilmar R. (org). **Ler e Escrever para Contar**: documentação, historiografia e formação do historiador. Rio de Janeiro: Access Editora, 1998.

PATAI, Daphne. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PESAVENTO, SANDRA J. Representações. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/ Contexto, vol.15, nº 29, 1995.

PRIMAVESI, Ana Maria. Agroecologia e Manejo do Solo. In. **Revista Agriculturas**, vol. 5, Nº 3, setembro de 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomos I. Camponas, São Paulo: papiros, 1994.

RODRIGUES, Cláudio Cezar Cabreira; MELLO, Ulisses Pereira de. **Sementes crioulas:** alternativa de diversificação de cultivos no assentamento Cambuxim em São Borja/RS. 2010. Disponível em:

http://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2010/00%20textos/sessao_1/01-01.pdf
 acesso em: 03/03/2018

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade. Fronteiras com a ética e a cultura. In LINS, Daniel (org.) **Cultura e Subjetividade. Saberes Nômades**. Campinas: Papirus. 1997, disponível em: <http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos1/artigos1b.htm> acesso em: 03/03/2018

SCOTT, Jhon, Genero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Tradução francesa Educação e realidade**, V.15 n.2 Jul/Dez de 1995.

SANTOS, Michela Katiuscia Calaça Alves dos; **Rompendo a cerca do isolamento:** as relações entre a Agroecologia e as questões de gênero. Dissertação de Mestrado /– Recife, 2012.

SILVA, Valdenildo Pedro da, Barro; Evelyn Christie Nascimento de. Tecnologias sociais no Rio Grande do Norte: **algumas discussões sobre a convivência com o Semiárido**. In: **Sustentabilidade em Debate - Brasília**, v. 7, Edição Especial, p. 69-85, dez/2016.

SOUZA, Marcelo Medeiros coelho de. **O analfabetismo no Brasil sob enfoque Demográfico, Cadernos de Pesquisa**, nº 107, p. 168-186 julho/1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a07.pdf> acesso em: 19/03/2018.

THOMPSON, P. **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNESCO. **Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural**, 1972.

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. “**A única coisa que nos une é o desejo**”: produção de si e sujeitos do desejo na vivência do homossexualismo em Campina Grande-PB. Dissertação de Mestrado 2006, p. 5-182.

_____, Narrativas de homossexuais: o que é 'ser' macho? Anais do Evento **X Encontro Nacional de História Oral Testemunhos: História e Política**, Recife, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais/2/1270751353_ARQUIVO_TEXTOCOMPLETOKYARAALMEIDA.pdf. Acesso em: fev. 2018.

_____, **História e Memória:** comunidades rurais do semiárido nordestino e suas práticas culturais. Projeto de Pesquisa – PIBIC – UFERSA, 2016.

6. APÊNDICE

1. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1º Qual o seu Nome Completo?

2º Qual sua idade?

3º Onde o senhor/senhora nasceu?

4º Qual foi o seu primeiro contato com o assentamento?

5º O senhor/Senhora lembra como se iniciou a construção do assentamento?

6º Como foi à entrada dos moradores na terra?

7º Qual é a origem do nome da comunidade?

8º Qual é o principal meio de sobrevivência do assentamento?

9º Recebem assistência técnica do INCRA, ou de algum sindicato?

10º O senhor/senhora tem familiares que moram no assentamento?

11º O senhor/senhora sabe se tem agregado no assentamento? Se sim sabe quantos?

12º O senhor/senhora sabe dizer se na comunidade existe casos de violência?

13º O senhor/senhora sabe dizer se existe alguma tradição na comunidade?

14º Qual é a relação das pessoas mais jovens com o assentamento? eles/elas procuram saber como tudo começou?

15º Qual a relação dos mais jovens com as pessoas mais velhas do assentamento?

16º E para o senhor/senhora qual é a importância desse lugar?

17º O senhor/senhora gosta do seu lugar de vivência?

Sim, não? Por quê?

18º O senhor/senhora tem vontade de viver em outro lugar?